UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

2025

Amanda Nolasco Lemos

O feminismo anticapitalista e o Teatro Político Dialético no núcleo feminista da Escola De Teatro Popular

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) como requisito para aprovação no Curso de Licenciatura Em Teatro.

Orientadora: Profa.Dra. Viviane Narvaes

Dedico este trabalho a Etelvina dos Santos Nolasco, ou, como alguns sortudos como eu a chamavam, Vovó Tété.

,

AGRADECIMENTOS

À minha família Bel, Ju, Thico, Vivi, Aretha, Amy e Lord. Há famílias que não são família, a minha é;

À Valentina R. Carcano, por ter escolhido ser minha família também. Ufa.

À Mariane Chamarelli, por me olhar no olho, segurar minha mão e tudo ser possível.

A Emiliano Fischer por ser meu aqui e agora, sempre.

A Gabriel Marques e Tefa Gama, por serem meu passado, presente e futuro.

A Mylo Cardona, pela magia da geografia ser apenas um detalhe.

A Daniel Nadai e Geo Britto, por camaradamente trocarem pneu junto comigo.

A Jonas e Lorenzo, por serem os carinhas mais legais e geniais do mundo.

À Carol Mulato, por ainda estar aqui.

À Júlia Barcellos, por ainda querer mudar o mundo.

À Dri Hertz, não foi só o feminismo, tem muito de mim que descobri com você.

À Oceanne Saldanha, por ter sido minha parceira de morada.

À Bibi Bog, por ter sido fundamental no início do fim.

À Verônica Soares, que até hoje me ensina e acolhe.

Ao Flávio Paixão, que não faz ideia, mas me acompanhou durante a graduação. Sempre quando penso em como quero ser em sala de aula, penso nele.

À Carol Caju e à Helena Vieira, a sugestão de licenciatura mudou minha vida.

Ao Núcleo Feminista da Escola de Teatro Popular. Em especial: Renata Reis, Damina Alves, Jessica Pereira, Dani Arreguy, Mariana Beltrão, Maria Baby, Triz, Bia Sarone, Dayane Monique, Pink e Maria Pereira.

Às crianças do núcleo feminista: Rafa, Adrielly, Heitor e Pierre.

Ao Movimento Unificado dos camelôs, em especial: Aline Araujo, Maria dos camelôs, Alessandra e Seu Batistinha.

À todos da ETP, por tudo que construímos juntos nesses últimos anos.

Ao Festival Integrado de Teatro da Unirio (FITU), meu início de vida universitária não seria tão gostoso (e caótico).

Ao Projeto de extensão Cultura da Prisão, em especial: Vivi, Natalia, Sodré e Natali.

Ao projeto de extensão Performance Afro, em especial: G'leu e André.

E, principalmente, aos Ibejis, ao povo cigano e à Maria Padilha da Estrada.

,

"Obrigatório é para mim o sonho.

Concede-me o direito de sonhar."

-Lila Ripoll[1]

[1] Revista Princípios, n. 30, p. 32-37, ago./out. 1993

,

RESUMO

Esta monografia tem como objeto de estudo o núcleo feminista da Escola de Teatro Popular levando em consideração o contexto social de interação carioca. O foco da análise se dá, portanto, na relação entre o feminismo e o teatro político dialético da Escola De Teatro Popular (ETP). Dessa forma,essa pesquisa pretende analisar se as mulheres na sociedade contemporânea carioca, envolta em estereótipos e tarefas, conseguem encontrar na arte teatral um meio de se expressar e se aproximar do debate feminista.

Palavras-chave: Feminismo; Teatro; Feminismo para os 99%; Teatro político; Teatro do oprimido.

,

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7

1 A ESCOLA, O TEATRO E O FEMINISMO 9

1.1 A Escola de Teatro Popular - ETP 9

1.2 O Teatro Político Dialético da ETP ou a forma ETP de (não) utilizar o TO…16

1.3 O feminismo em ondas 20

2 AS CENAS…….. 24

2.1 Quem constrói o núcleo ……..…….. 24

2.2 Os movimentos sociais……...29

2.3 A reprodução social……..…...37

CONCLUSÃO..... 44

ANEXOS ……46

Referências Bibliográficas .....……...70

,

ANEXOS

ANEXO 1 Formulário …… 46

ANEXO 2 SAARA VENDE SARA E MARA……60

ANEXO 3 OCUPAÇÃO SIM, REMOÇÃO NÃO……62

ANEXO 4 A MÁQUINA**……**64

ANEXO 5 Dividir o Unido……... 65

ANEXO 6 Unir o Dividido……67

,

INTRODUÇÃO

Em 2015 iniciei meus estudos sobre o feminismo, um ano depois decidi que iria trabalhar com teatro profissionalmente. Minha vida era dividia entre militancia em uma organizaçao feminista e atriz em um grupo teatral, até então um era oleo e outro era agua, fundamentais em minha vida, mas nao se misturavam. Em 2020, em plena pandemia conheci a Escola de Teatro Popular e vi a oportunidade de juntar meus dois mundos, dois anos depois foi me dado o desafio de abrir um núcleo dentro da escola focado no debate feminista. O debate cultural na esquerda carioca se resume em carnaval e edital, portanto a junção de teatro e feminismo não é tão óbvia quanto parece.

Acredito que artes cênicas sao fundamentais na formação cultural e social do ser humano, sendo capazes de fazer a pessoa sair de sua zona de conforto e enxergar o mundo de uma forma crítica, levando aos palcos, ruas e telas, histórias que questionam paradigmas, propondo reflexões de uma forma alternativa e, por isso, por meio delas, é possível questionar pensamentos preconceituosos e inspirar os oprimidos a pensar uma nova realidade, tanto atuando como vendo sua história sendo contada.

A importância de analisar como o debate feminista pode ser feito no teatro é que, através desse meio, podemos reconhecer como a sociedade está sendo condicionada a adotar determinados estereótipos, machismos e misoginia. A intenção desse trabalho é identificar como desconstruir quais sejam esses problemas de gênero, considerando o capitalismo a grande máquina que produz esses problemas para fazer a manutenção da sua própria existência.

A pesquisa tem como objetivo: Explorar as formas de como o debate do feminismo para os 99% pode ser feito a partir do Teatro; Compreender como o teatro do político da ETP tem dialogado com as mulheres no rio de janeiro; Elaborar intervenções teatrais feministas; Analisar as limitações do Teatro do Oprimido.

O projeto está baseado na abordagem qualitativa. Usa como estratégias de pesquisa a revisão da literatura por meio de busca em bases de dados como Scielo e Google acadêmico, tendo referência em autoras e autores que estudam a temática. O presente trabalho se divide

,

em dois capítulos. O primeiro capítulo foca em apresentar o teatro politico dialético da Escola de Teatro Popular e como o movimento feminista vem se organizando ao longo do tempo.

O segundo capítulo discorre sobre os encontros e debates do núcleo feminsita da Escola de Teatro Popular, esse núcleo possui uma especificidade que é trabalhar o teatro dealético com foco temático nas discussões de gênero como: Dupla Jornada de trabalho e a reprodução social. Esses temas são a teoria do núcleo ao mesmo tempo que se materializam e interferem diretamente não somente na inserção das mulheres em espaços organizativos, como também nos culturais e do seu interesse.

,

1 A ESCOLA, O TEATRO E O FEMINISMO

1.1 A Escola de Teatro Popular

A partir da análise do que é o núcleo feminista da Escola de Teatro Popular (ETP) que irá ser feita a análise do feminismo e vice-versa, um não se desfaz do outro. O teatro aqui, portanto, é uma ferramenta de debate para algo maior que ele. O feminismo é essencial, mas não qualquer feminismo, e é a partir do teatro que se entende qual o feminismo que se faz necessário e qual a funcionalidade do teatro que, embora útil e poderoso, não se sustenta em si mesmo, sendo ele um ensaio de outra realidade possível, parafraseando a famosa frase de Augusto Boal[2]: “o teatro é um ensaio para a revolução.” Do que se trata essa revolução e quem a fará?

A Escola de Teatro Popular nasceu em abril de 2017, inspirada na Escola de Teatro Político do Movimento Popular La Dignidad (MPLD), da Argentina, um movimento que constrói espaços e serviços que atendam às necessidades da população quando as autoridades não o fazem. Para além de um grupo de teatro, um movimento que cria uma nova forma de se relacionar, fugindo das formas impostas pelo capital.

A experiência argentina se difere da realidade brasileira, portanto a ETP não cria espaços como refeitórios populares ou pré -vestibulares populares, mas escolhe se unir aos movimentos de esquerda do Rio de janeiro que atuam dessa forma e que possuem interesse em usar o teatro como ferramenta política.

Para além do objetivo inicial, de atrair militantes de movimentos sociais para que se tornem multiplicadores da técnica do TO suas organizações, atualmente a escola lida com outra realidade: a de formar artistas que nunca foram organizados, mas possuem interesse no teatro político de esquerda. A escola deixa de ser um espaço que recebe o militante sabendo que ele é temporário e passa a receber pessoas variadas que estão interessadas ou no teatro ou na política e em muitos dos casos sem formação prévia sendo iniciados por ela ao debate na escola.

---

[2] Augusto Boal foi um dramaturgo, encenador, escritor e teórico do teatro brasileiro que esquematizou o Teatro do Oprimido.

,

O Teatro do Oprimido parte do desejo de romper a concepção tradicional de teatro aristotélico e de fugir da ideia de teatro político que dita o que precisa ser feito pelos marginalizados, ele se propõe a pensar com eles invertendo essa lógica e convidando os sujeitos a se tornarem protagonistas não apenas da representação, mas também das mudanças sociais.

Uma narrativa frequentemente transmitida entre as gerações de multiplicadores do TO tenta ilustrar essa virada de perspectiva: Durante uma cena sobre reforma agrária, em um vilarejo, os atores convocam para a luta armada e geram uma grande agitação aos camponeses que assistiam. Ao fim da peça, um dos dirigentes se aproxima e pergunta quando se dará o início do piquete, os atores, sem entender, explicam que nada será iniciado por eles já que tudo não passava de uma apresentação teatral, ao que o camponês responde que a música então cantada em cena era sobre o sangue dos camponeses e nao o sangue dos artistas que agora os deixariam lá para ir embora para suas casas. Esse episódio evidência que o TO surge para propor um teatro que não fala sobre os oprimidos, mas que é feito por eles.

A técnica do TO é utilizada ao redor do mundo, o que pode ser muito bom no que tange o alcance e a diversidade dos temas abordados,mas também pode ser ruim. Em muitos contextos, o TO se afastou de sua função original de organização coletiva e passou a ser apropriado por instituições e até mesmo recrutamento de empresas, esvaziando seu caráter crítico para pertencer aquele lugar focando em agradar o mercado e não a questioná-lo.

Julian Boal (2021) ressalta que essa transformação do TO em produto neutralizado não ocorre por acaso, mas está ligada a um processo mais amplo de mercantilização das práticas artísticas. Ao se distanciar de seus fundamentos políticos, o teatro acaba sendo apropriado por dinâmicas institucionais que não têm como objetivo a emancipação dos sujeitos, mas sua adequação a contextos produtivos. Ao buscar alcançar novos públicos, ele acaba se tornando alvo de lógicas que o enfraquecem. Por outro lado, é importante reconhecer que o próprio Augusto Boal, já alertava para os perigos de reduzir o TO a uma técnica somente, defendendo que sua base reside justamente na articulação entre estética e política, entre poesia e transformação social.

,

A partir do trabalho da Escola De Teatro Popular é possível perceber que há uma necessidade de retorno às bases freireanas, recuperando o compromisso com a emancipação dos sujeitos. A Educação Popular pensada por Freire traz a reflexão de que conhecimento é, de alguma forma, poder. Ao denunciar a "educação bancária", que corresponde ao professor ser unilateral na hora de transmitir a informação desconsiderando a reflexão ou participação do aluno, Freire defende que a transformação social só é possível quando os oprimidos tomam consciência de sua situação.

> Saber-fazer da auto reflexão crítica e o saber-ser da sabedoria exercitados permanentemente, podem nos ajudar a fazer a necessária leitura crítica das verdadeiras causas da degradação humana e da razão de ser do discurso fatalista da globalização. (Freire, Paulo. 2004. Pág 13)

Se entender enquanto oprimido faz com que a compreensão da existência de um opressor se apresente, o que em si mesmo não acaba com a opressão mas traz ao oprimido uma possibilidade de se construir em uma outra ideia. Assim como a pedagogia do oprimido, o teatro do oprimido busca romper com a lógica já estabelecida. No teatro tradicional o público é passivo, ou seja, observa e não se coloca como parte da cena, na proposta do TO o público se transforma em agente ativo da cena, o "espect-ator" (BOAL, 2013).

Boal afirma que o teatro é "a primeira invenção do ser humano" e que, antes de ser arte, é "forma de conhecimento" (BOAL, 2013, p. 21). O método do Teatro do Oprimido utiliza técnicas como o Teatro-Fórum, Teatro-Imagem e Teatro Invisível para criar situações que permitam ao público ensaiar alternativas para problemas reais. O teatro fórum, a técnica mais utilizada e conhecida, será comentada no ponto 1.2. Das outras técnicas, duas são mais utilizadas na ETP: Teatro imagem e teatro jornal. A primeira surgiu no Equador em 73 quando não se tinha uma língua em comum entre todos os presentes, por isso o uso da palavra é dispensado nessa técnica e utiliza-se o corpo em todas as possibilidades.(BOAL,2008. pág.5) Na ETP jogos de teatro imagem são muito utilizados como quebra gelo, já que no início dos encontros, quando ainda se está conhecendo o ambiente e o grupo, é difícil dizer mesmo quando a língua não é uma barreira. No nucleo feminista tambem é utilizado como uma forma de pensar a cena com o corpo não cotidiano e de não se defender somente pela palavra. A segunda técnica (Jornal) faz sucesso internamente na escola e tem ganho outras formas de pensá-la ao redor do mundo. Nos anos 70 foi

,

criada doze técnicas que transformavam notícias de jornal em cena com o objetivo de mostrar que não há imparcialidade nos meios de comunicação (BOAL, 2008) quem dita o que será dito e como será dito detém o poder e pode inclusive disputar a verdade. Na ditadura empresarial militar brasileira, muitas peças foram censuradas, mas a partir das manchetes de jornal, já liberadas pela censura, era possível criar cenas mostrando justamente o que elas queriam esconder. Atualmente há pesquisadores como Sabrina Sapienza que pensam o teatro jornal e a relação dele com as fake news utilizadas pela extrema direita em todo o mundo para se fortalecer.

A ETP nasce para que a partir da prática constante surjam novas teorias acerca do TO sem subjugálo. Julian Boal[3] em seu livro *"Sobre antigas formas em novos tempos: O teatro do oprimido hoje entre "ensaio da revolução" e técnica interativa de domesticação das vítimas"* apresenta como a ETP utiliza do TO e de outras formas de teatro político, como as brechtianas, chegando ao termo disseminado dentro da escola de teatro político dialético.

O nome da ETP já entrega que o objetivo se trata em fazer um teatro do povo. A compreensão do que seria "teatro popular" não é homogênea entre os teóricos. A palavra "Popular" deriva do llatim *populāris*,e corresponde 'do povo, público, popular'[4]

O nosso primeiro registro de "teatro popular" na ideia de teatro do povo vem da Grécia antiga. André Carreira[5] explica que definir que todo teatro na rua é popular é uma ideia fruto dos anos 60, foi nesse período onde se teve o fortalecimento do teatro político brasileiro, devido à ditadura, o que contribui na compreensão da escolha do termo pela ETP. Carreira também diz que resumir o popular como algo (vanguardista ou não) é reduzi-lo, mas traz o termo "Teatro na cidade" que se mostra interessante para o fazer da ETP nos últimos anos.

> Então, o teatro na cidade ressignifica porque interfere no espaço; e porque ele não é natural na cidade. Ele é uma construção, um habitar poético que modifica o uso [da rua]. Mas é momentâneo, mesmo assim é uma forma de mudar a vida da cidade porque reivindica o valor da fala artística

---

[3] Filho de Boal, teórico teatral e fundador da Escola de Teatro Popular junto com Geo Britto.

[4] Em origemdapalavra.com.br acesso: 04/09/2025

[5] Diretor de teatro e pesquisador de atuação em teatro na rua

,

> dentro do cotidiano funcional do espaço urbano. (CARREIRA, A. Florianópolis, v.3, n.45, p.14, dez. 2022)

Compreende-se aqui que o teatro popular assim como o teatro de rua, pensa o fazer teatral para a rua, sua forma de vestir, a escolha de dramaturgia, o jogo cênico. A ETP pensa o teatro na rua, pela política, pela disputa ideológica que acontece, ainda existe dificuldades no que tange pensar o melhor local de apresentação ou como fortalecer aquele local para que possa fazer o teatro, a chamada para o início, como atrair olhares, como pensar em um figurino que traz o estranhamento do não cotidiano.Suas experiências mais fortalecida se dá em atos ou quando te utiliza a técnica do teatro invisível que consiste basicamente em ser uma cena teatral que é apresentada sem que o público saiba que se trata de teatro, considerando portanto que a cena ali é a realidade do seu cotidiano. Em uma manhã de sábado de 2022, um grupo de membros da ETP se organizou para apresentar uma cena de teatro invisível na porta do mercado Mundial da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro. Essa cena seria parte de diversas intervenções realizadas pela escola no mesmo ano contra o Bolsonarismo.

O tema central da cena era a fome, já que os preços dos alimentos estavam muito caros e o Brasil tinha voltado, no ano anterior, para o mapa mundial da fome após sete anos fora dele (G1, 2019). Uma das atrizes tinha como marcação entrar no mercado e desmaiar, isso gerou a movimentação necessária entre os espectadores, tanto de curiosidade como de preocupação. A partir daí todos estão em cena. O motivo do desmaio foi a primeira coisa a ser questionada. O que levaria uma mulher jovem e aparentemente saudável a desmaiar do nada? Drogas? calor? Fome? Motivos diversos foram levantados. A atriz após se recompor do desmaio disse que tinha fome, mas não tinha dinheiro para levar comida para casa. As ajudas que foram oferecidas, levantaram o debate de que nessa situação as ajudas momentâneas não resolvem o problema como um todo, o que fazer então? O debate se torna o protagonista, um dos atores comenta sobre o preço da carne, outro espectador do valor da cesta básica, uns questionam o governo, outros o defendem, não se sabe mais quem é ator e quem não é, nunca se soube, todos são espectatores, espectador e ator ao mesmo tempo. O limiar entre a cena e a vida não existe mais, fundiram-se.

> Deve ficar claro: Teatro Invisível é teatro! Cada peça deve ter um texto escrito, que servirá de base para a parte chamada *fórum.* Esse texto será inevitavelmente modificado

,

> segundo as circunstâncias, para adaptar-se às intervenções dos espect-atores. [...] no Teatro Invisível, os atores devem interpretar como verdadeiros atores, o mais stanislaviskinianamente possível. (BOAL, 2008, p. 10.).

É na hora de pensar sua intervenção de rua através do AGITPROP que a ETP mais consegue se comunicar com o público.





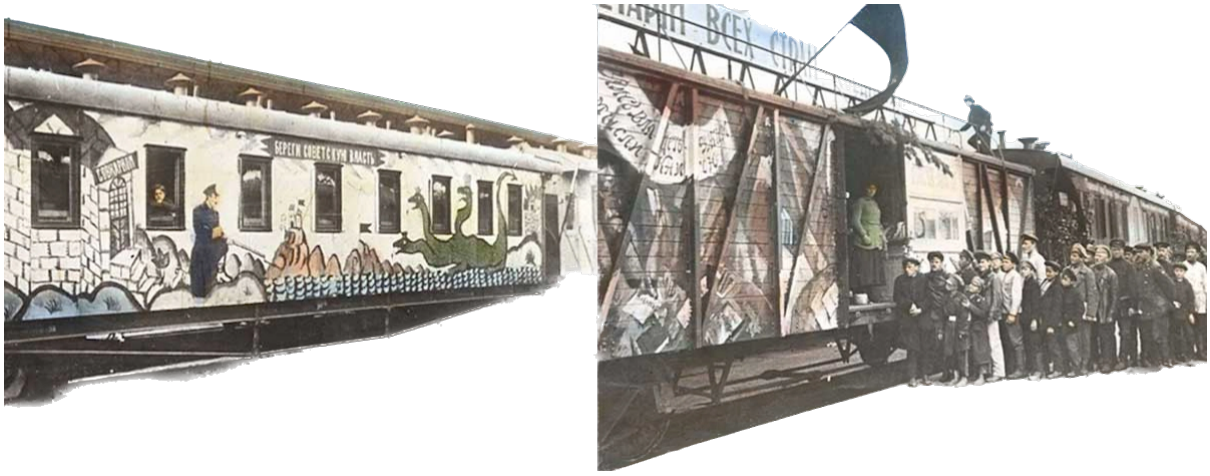
Imagens: Acervo - ETP 2023

A agitação e propaganda soviética foi uma grande ferramenta de reeducação das massas com o objetivo da construção de um poder sovietico. (COSTA, IC 2012) Esse método exige que o grupo primeiro pense o cenário, no exemplo da revolução russa: A população era majoritariamente analfabeta, havia muita violência, o território era extenso e a comunicação entre os lugares demorava. A partir disso se pensava as agitações, que teriam como foco atingir muitas pessoas com uma mensagem rápida, GTs específicos para cada área artística viajavam pelo país para

,

organizar e informar os trabalhadores urbanos, camponeses e soldados. Um exemplo disso eram as artes colocadas nos trens que contavam o que estava acontecendo em outra cidade através de gravuras.

No agitprop, a tática deve ser planejada de acordo com a realidade social pelo qual o país estiver passando. A principal diferença do período atual é que a escola tem o desafio de disputar os meios de comunicação de massa, que são vastos, e sua forma de manutenção da desinformação, como as fake news, por exemplo. Na tentativa de combater a fake news bolsonarista, a ETP utilizou tanto do teatro invisível, já mencionado como de lambes, como mostra a imagem, colados em áreas mais movimentadas do centro do Rio de Janeiro.



Trem de propaganda soviética com o slogan "Protejam o Poder Soviético" Fonte: The Collector (2023)

Há grandes exemplos de agitprop feminista na america latina: Os lenços verdes da maré verde, as palavras de ordem do Ni Una A Menos e a musica "violador es tu" criada por ativistas chilenas. E servem de inspiraçao ao nucleo feminista da escola que hoje tem optado pesquisar as intervençoes atraves de mascaras de papel que no capitulo dois será descorrida.

O que se reforça aqui é que mesmo em meio ao desafios estéticos, a escola de teatro popular quer ser algo parecido, porque levando em consideração o período e as pessoas que construíram não teria a possibilidade de se fazer igual, como o que foi o Centro Popular de Cultura da UNE nos anos 70. Fernando (1989, p. 9) explica como se dava o processo:

,

> Parece só brincadeira, autogozação. Mas a verdade é que, de dezembro de 1961 a março de 1964, em muitos momentos especialmente urgentes e conturbados da vida política brasileira (e também estrangeira, quando, por exemplo, em 1962, os Estados Unidos, alegando instalação de mísseis soviéticos em Cuba, iniciaram um criminoso bloqueio naval à ilha) o Centro Popular de Cultura se transformou, em muitas ocasiões, nesta espécie de pastelaria de dramaturgia e espetáculos. Nessa época assumia integralmente, com plena consciência de sua necessidade e limites, uma tarefa de agitação e propaganda deliberadamente circunstancial. E sem medo de um inevitávelesquematismo: o objetivo não era substituir o imprescindível comício ou a passeata, mas sim ajudar com o espetáculo teatral – geralmente a sátira de efeito imediato – contribuindo graças ao quase improvisado trabalho histriônico dos atores, como urgente elemento lúdico e participante.

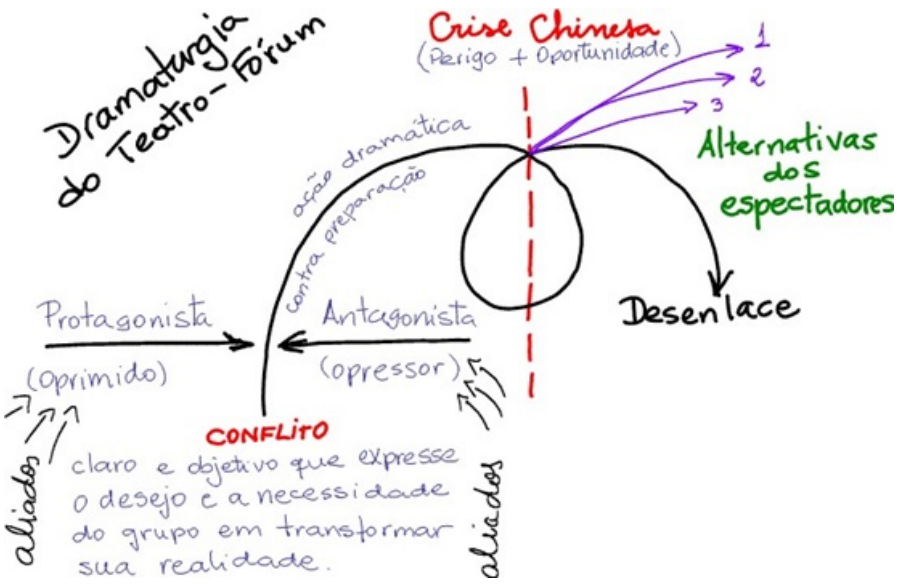
Essa proposta de “pastelaria de dramaturgia” dos movimentos sociais que a ETP mira em ser e por isso se apresenta como escola militante a serviço dos movimentos sociais.

1.2 O Teatro Político Dialético da ETP ou a forma ETP de (não) utilizar o TO

A dialética é trazida para o Teatro Fórum por Julian Boal (2021) como crítica a nebulosidade da dramaturgia de Augusto Boal, a fuga da catarse aristotélica não é suficiente para desvincular do público o oprimido que é tratado como herói ou da individualização, embora Boal tente grifar a importância desses indivíduos e suas ações representarem forças sociais.

> O dramaturgo deve pôr em confronto o Protagonista contra aqueles que representam esses poderes abstratos. É verdade que a sociedade oprime sim, mas através de quem? Não se pode apresentar um personagem chamado “Sociedade”, ou “Educação”, ou “Repressão”: é preciso personificar, concretizar em alguém, em um personagem através do qual a sociedade, o sistema educacional e repressivo oprimem o protagonista. (Boal, A., p. 91, 1996)

,



Dramaturgia do Teatro Fórum. Imagem retirada de http://teatrofazendoarte.blogspot.com- acesso 01 de setembro de 2025.

O esquema[6] acima é a explicação do TF: A cena se inicia e caminha para o conflito, que seria a opressão, chegando ao clímax ou crise chinesa, que é onde se tem o ápice do perigo, mas também da oportunidade, nesse momento é onde surge e termina no oprimido não conseguindo superar essa opressão e sendo derrotado. Na cena além do protagonista oprimido e seu antagonista opressão há outros personagens que ajudam no desenrolar da cena como aliados de um desses dois. Quando a derrota acontece a cena é pausada e é dada ao público a oportunidade de substituir, fazendo com que se debata qual cenário possível para que a opressão não exista. Percebe-se aqui que a crítica ao Teatro Fórum é um guarda chuva a toda crítica que a ETP pode ter ao TO, sendo então o TO o ponto de partida para construção de seu próprio teatro, o político dialético.

> O que fica de fora é precisamente o domínio impessoal do capital ou de outros sistemas de opressão. Os mecanismos pelo quais a opressão se exerce sem precisar por isso da mediação de sujeitos conscientes são postos para fora da cena, enquanto que se poderia facilmente arguir que na sociedade são precisamente estes os mais importantes. Assim, dizer que numa peça “sobre o preconceito racial é preciso que o núcleo do conflito trate precisamente disso: uma vítima do preconceito em luta contra o discriminador” deixa sem respostas uma série de perguntas que se poderia legitimamente fazer: Por que o discriminador discrimina? Por que ele tem o poder de fazê-lo? Por que a sociedade aceita este tipo de atitude? Existem formas de discriminação racial que dispensam a mediação de um agente consciente?, etc. Reformulando aqui Brecht, nos ocuparíamos somente do abuso do poder feito por um indivíduo e não do poder em si

[6] BOAL, Augusto. *Jo*gos para atores e não-atores. 10.ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2007

,

> constituído num dado momento de uma certa sociedade. Esta forma teatral que reduz tudo a relação entre indivíduos tem um nome, o drama, e a crítica aos seus limites já tem uma longa história. (BOAL, Julian. 2022)

A palavra dialética carrega com ela um debate extenso no qual decorrer sobre ele não será o foco deste trabalho. Para entender a proposta de teatro politico da Etp, e facilitar a compreensão, será utilizado “dialética” como sinônimo de “contradição", porém é importante que se entenda que a contradição na dialética não exclui, mas soma os diferentes.

A contradição é definida como “Incoerência entre atos ou ditos sucessivos”[7] e pode-se encontrar no teatro em diversas formas como na relação da cena com o público, na dramaturgia da cena, criação do personagem, atuação, texto, música, cenário, figurino e etc …

> Necessitamos de um teatro que não nos proporcione somente as sensações, as ideias e os impulsos que são permitidos pelo respectivo contexto histórico das relações humanas (em que as ações se realizam), mas também que empregue e suscite pensamentos e sentimentos que ajudem a transformação desse mesmo contexto. (Brecht, 1967, p. 197)

A ETP tem como referência nesse tema Bertold Brecht, assim como Boal. O alemão critica o drama aristotélico que busca a empatia do público, gerando a identificação e colocando muitas das vezes o personagem no controle de suas ações em estado de consciência.

Em cenas de teatro fórum, cenas feministas e de teatro político é comum ao trazer temas como violência doméstica, por exemplo, colocar o homem enquanto vilão, alguém sem escrúpulos, e a mulher alguém que sofre muito mas no fim com seu punho erguido supera todas as adversidades da vida. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024), a cada 30 segundos uma mulher é vítima de violência, em outra pesquisa feita pelo Datafolha em 2025 encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostra que 37,5% das mulheres já sofreram algum tipo de agressão (maior percentual da história), se a realidade fosse dada por mulheres vítimas de violência que reagem e se desvinculam de seus

[7] In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [consultado em 27-08-2025]

,

abusadores, hoje existiria, sem dúvidas, um movimento feminista muito mais mobilizado.

A ideia do oprimido que supera sozinho suas opressões pode ser cenicamente bonita e emocionante, mas não é real. Ao pensar no abusador como o seu estereótipo escancarado e repulsivo ignora-se que muitas vezes ele também é o amigo da cerveja de sábado, o engraçado do trabalho, o seu tio, um homem que muitas vezes cativa no dia a dia. Fazer com que o público não consiga digerir o personagem pode o fazer pensar também que ao ir embora não encontrará nada parecido fora dali.

Esse tipo de personagem ”sem nuances” pode ser encontrado tanto na esquerda, uma herança do realismo socialista stalinista, ou nas novelas da tv, um exemplo para isso poderia ser as histórias sobre escravidao onde há um senhor de engenho que sente prazer em ser mau e a filha sinhá boazinha que vem salvar o negro que esta sendo chicoteado. Uma cena de opressão que leva para uma interpretação de que a opressão se trata sobre ser o opressor mau ou bom. (BOAL,J. 2022)

A escravidao seria menos pior se o sr. de engenho fosse bonzinho? A exploração de um trabalhador seria menos pior se o patrão fosse um patrão gente boa? O machismo iria acabar na vida de uma mulher casada com um ótimo marido consciente das diferenças de gênero? Não. A dialética do teatro da ETP entra na contradição de seus personagens. Pode uma mulher ser racista com sua companheira ao mesmo tempo que sofre violência doméstica em casa e isso não faz dela boa ou má. Um outro exemplo, utilizado no nucleo feminista, é de um homem, um militante essencial para organização, responsavel pela parte eletrica da ocupação, mas que bate em sua mulher. A ocupação fica divida entre explusa-lo e ter luz, no debate moral talvez essa dúvida fosse facilmente resolvida, mas e no material?

Em “Santa Joana dos Matadouros” (Brecht, B. 1990) a personagem Senhora Luckerniddle vai à procura de seu marido desaparecido por três dias, no início ela grita na porta da fábrica onde o homem trabalha e um dos representantes diz que ele foi viajar, ela continua gerando confusão na porta da empresa e como forma de silenciá-la um representante oferece a ela 20 pratos de comida, em um contexto de guerra e fome essa oferta é extremamente vantajosa, mas também significa o fim

,

pela busca de seu marido. A esposa aceita silenciar-se, e o que poderia ser lido como perverso logo em seguida mostra que para além do amor, sua busca pelo marido também revela sua necessidade: *“Eu preciso encontrar o meu marido. Eu não tenho mais ninguém que possa me sustentar”*. Quantas mulheres acabam permanecendo com seus violentadores para que assim possa continuar sobrevivendo? Em outro momento da peça um trabalhador que acabou de cortar sua mão em uma máquina oferece esse mesmo trabalho para santa joana, uma mulher fraca e jovem que nitidamente não se encaixa na função, pois para ele conseguir um outro emprego na fábrica precisa preencher o seu antigo. Seria esse trabalhador uma pessoa ruim?, ou melhor, o debate moral sobre ele ser bom ou ruim é o que interessa? Ao mostrar o lado ruim de seus personagens, Brecht mostra também como são socializados para serem maus.

O teatro da ETP portanto, busca se afastar do conflito familiar, que pertence somente àquele núcleo familiar e não se trata portanto do macro da estrutura social, ou então busca fugir do personagem que tudo consegue trazendo a ele um heroísmo abstrato, ou uma meritocracia muitas vezes levantadas por cenas onde o oprimido sofre muito mas no fim, pelo seu esforço, conquista algo. A saída pela falha ou pelo fracasso, é entendida pela escola como a mais próxima da materialidade. O que pode ser percebido por tanto é que o maior desafio fica sendo trazer o esperançar em suas cenas. No ano de 2025 a escola atingiu mais de 130 integrantes, se as previsões para o mundo são péssimas, como, ou, para que se faz teatro? É algo que percebe-se ser necessário a escola saber responder.

1.3 O feminismo em ondas

O núcleo feminista da ETP iniciou suas atividades no primeiro semestre de 2023, teve um semestre de pausa e retornou em abril de 2024 atuando ininterruptamente desde então. Sua criação se deu a partir de uma demanda das militantes da ETP de possuir um espaço onde as opressões de gênero fossem debatidas de maneira mais direta e, se o questionamento ao feminismo liberal já existia, a escola deveria saber então qual feminismo defender. Em 2024 o nucleo foi composto por 7 a 10 participantes e duas multiplicadoras responsáveis, todas moradoras do centro, zona sul ou zona norte da capital do Rio de Janeiro. Entre elas, há estudantes universitárias, assistentes sociais, historiadoras, artistas,

,

militantes do movimento de luta por moradia, camelôs, professoras e mães. Ele acontece no espaço do Movimento Unificado dos camelôs que, embora seja uma organização mista, é liderada por mulheres. A heterogeneidade do núcleo é a dialética que, ao fazer ele ser possível, também dificulta o seu funcionamento.

O manifesto “Feminismo para os 99%” escrito por Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser e traduzido por Heci Regina Candiani foi essencial não só para traçar o caminho que o debate feminista iria seguir como para pensar o debate que as cenas deveriam levantar. As opressões de gênero por tanto são a base para que o debate de classe e de raça entre e que o projeto de sociedade criado se construa não somente para mulheres cis, mas para toda a classe trabalhadora em geral que representa os 99% da população, acreditando que o caminho é aliar as correntes capitalistas de esquerda rejeitando o neoliberalismo progressista *(ARRUZZA et al., 2019),* ou seja, o feminismo que não se apresenta contrário a toda e qualquer manutenção da sociedade capitalista, não será bem vindo.

Em 1968 Martha Weinman Lear usou pela primeira vez o termo "ondas” pra demarcar a virada politica do movimento feminista para o que ela chamou de a segunda onda e desde então feministas ao redor do mundo se organizam historicamente por ondas. Determinar que a história de um movimento pode ser dividida por blocos pode levar ao erro de pensar que a “virada” se dá de um dia para outro sem considerar que mudanças de paradigmas e políticas podem durar séculos e que em poucos dias pode-se fazer voltar 60 anos o debate, a ciclicidade dos processos e a disputa para definição desses marcadores fazem parte e não serão descartados, mas aqui e no núcleo se utiliza das ondas para uma compreensão mais direta do contexto histórico encontrado em cada período e como isso reflete nos movimentos de massa.

A primeira onda é entendida no século XIX quando começam as tensões do capitalismo e a formação dos parlamentos burgueses. Enquanto algumas mulheres estavam trabalhando outras estavam por reivindicar mais voz em espaços de decisão politica, o que fez com o debate feminista da época fosse visto nos dias atuais como um feminismo branco que não considerava o debate racial e de classe. Na Alemanha e na Rússia, feministas soviéticas já buscavam demarcar o gênero dentro dos debates sobre a classe trabalhadora, pois queriam destacar que há

,

diferença entre homem e mulher. Já no Brasil, muito antes disso, o protagonismo feminino nos quilombos já poderia ser reconhecido como parte da luta das mulheres e seu protagonismo na luta anticapitalista. Segundo Maria Beatriz Nascimento (apud GONZALEZ, Lélia. 2020. Pág.50) há registro dos primeiro quilombos em 1559, uma estrutura que promovia uma forma alternativa de se socializar, os negros encontraram uma forma de fugir da lógica imposta pelos colonizadores. Palmares, por exemplo, foi “a primeira tentativa brasileira no sentido de criação de uma sociedade democrática e igualitária …” (GONZALEZ, Lélia. 2020. Pág.51)

O ano de 1950 é quando considera-se o início da chamada segunda onda, marcada pelo medo dos avanços sexuais que fez com que o conservadorismo ganhasse força, muitos homossexuais perderam o emprego e as mulheres novamente foram colocadas em domicílio, mas é claro, nem todas. Segundo a Equipe de tradução do grupo de Estudos sobre a TRS (2022) nesse período no Brasil houve muita queima de arquivo o que torna o material dessa época escasso, porém é esse mesmo período é quando surge as primeira evidências teóricas de um feminismo socialista junto com isso, graças a Margaret Sanger, a criação das pílulas para acabar com a gravidez indesejada e pela primeira vez as mulheres teriam o controle, em tese, do que queriam ou não para o seu corpo, debate que em breve será retomado.

Na terceira onda, que inicia no ano de 1990, será destacado o feminismo negro. Até o início do século XX o feminismo era majoritariamente baseado nas necessidades das mulheres brancas universitárias. No período de redemocratização do brasil o movimento negro se destaca na organização dos trabalhadores racializados[8] e com isso fortalece o movimento de mulheres negras. Debates como os direitos reprodutivos das mulheres se ampliaram, não só porque elas começaram ocupar mais os partidos nesse período, mas também porque havia interesse no movimento. Mulheres negras deveriam ter filhos em um mundo racista? Temas e debates que se fazem até os dias atuais se discutem.

No núcleo feminista da ETP a temática da maternidade sempre reaparecia nos encontros, algumas mulheres já era mães e todas, em unanimidade, já haviam

[8] A escolha por “ racializados” se dá por entender que desde o inicio o movimento negro embora possuisse em sua maioria pessoas negras como membros, tambem se juntavam a eles indigenas e brancos pobres.

,

sido questionadas sobre o tema. No segundo capítulo será abordado a forma que para o capitalismo existir ele necessita do trabalho de uma mãe.

A quarta onda é a atual e por isso os seus debates podem ser utilizados com mais facilidade em sala de aula, já que a sua contemporaneidade pode fazer com que as integrantes do grupo levem suas vivências fazendo com que as participantes se sintam parte do debate. O movimento feminista teve alguns avanços políticos que fazem com que temas como o direito ao voto nao seja mais uma reivindicação, porem há outros que ou não tiveram avanços tão significativos, como os direitos reprodutivos, ou são trazidos pela extrema direita numa expectativa de retrocesso como o icentivo a ideia de esposas trofeu. [9]

O debate sobre direitos reprodutivos no Brasil e no Rio de Janeiro, embora urgente, é temido por parte da esquerda por acreditar que primeiro deve-se cativar o povo com temas menos alarmados ou então com conciliações e pouca radicalidade. Caminhando pelas beiradas sem nunca atingirem de fato o problema.

A onda atual foca na crise na reprodução do capital e nos trabalhos de cuidado precarizados. Entender o papel da mulher na reprodução do capitalismo é prioridade para muitas feministas em escala internacional que buscam uma alternativa de feminismo que saia da lógica de feminismo branco e liberal.

Ocorreram acontecimentos na luta como em 2016 na Polônia onde, assim como em diversos paises, o catolicismo é muito forte e na epoca o regime católico fundamentalista de direita lançou um projeto de lei para proibir completamente o aborto e penalizar as mulheres que fazem abortos mesmo em caso de estupro ou doença, muito semelhante com o que a bancada evangelica brasileira tenta implementar, as polonesas sairam nas ruas em greve nas chamadas segundas de luto e tiveram apoio de metade população.

Um movimento que fez reverberar o tema da legalização do aborto foi o Ni Una A Menos que se iniciou em 2015 na argentina após um ato de feminicídio conseguindo organizar mais 200 mil pessoas de diversas ideologias sua caracterizas foi o uso da internet e principalmente do twitter já apontando que as plataformas digitais seriam um dos principais canais de disputa nessa era.

---

[9] esposas que são bancadas pelos seus maridos e usufruem de um alto padrão de vida que não corresponde com a realidade da maioria dos brasileiros fazendo com que a busca por isso seja impossível.

,

Esses eventos como: 8 de março, greve mundial, dia nacional da mulher nos EUA, dia internacional das mulheres e da classe trabalhadora na Alemanha são capazes de estimular a ideia de que a greve das mulheres é diferente de uma greve geral e quais são as formas concretas do trabalho feminino no capitalismo sendo o mercado formal apenas uma parte do trabalho.

O desafio agora para as feministas que entendem que o fim da opressão de gênero se dará por completo com o fim do capitalismo é disputar a narrativa com o feminismo “mainstream” que prioriza a conquista do topo pelas mulheres reproduzindo a lógica de que é necessário alguém estar no topo e ele existir.

2. AS CENAS

2.1 Quem constrói o núcleo

Em 2024 o núcleo feminista retorna com dois encontros semanais, algo antes nunca feito pelos núcleos da escola, sendo um dia teórico e outro prático e recebendo mulheres cis, mulheres trans, travestis e pessoas não binárias (NB), com diversos tipos de formaçao, profissão e pertences a diversos movimentos de esquerda. Anteriormente era chamado de “Núcleo de mulheres da ETP”, mas viu-se a necessidade de reivindicar o feminismo visto que o termo está em disputa. O núcleo não se propõe a ser somente um espaço de acolhimento entre mulheres, mas também ser um espaço que confabula perspectivas feministas de esquerda.

O debate sobre pessoas trans e nao binarias dentro do movimento feminista gera discussões efervescentes, mas antes se faz necessário entender os termos: O cis gênero é aquele ou aquela que está de acordo com a identificação que lhe foi dado ao nascer, por mais que não siga exatamente o padrão social, como por exemplo, uma mulher que não se depila, devido a alguns fatores construídos ao longo de sua formação psicossocial, mas o sujeito continua se sentindo confortável com essa definição. O transexual é diferente, pois é aquele ou aquela que não se familiariza com o gênero que lhe foi imposto, indo além do fato de não seguir o que é comum a um papel que se espera do gênero que lhe foi dado, mas simplesmente não concordando com esse gênero (JESUS, 2012). Já a não binariedade vem de um termo guarda- chuva “(que abarca várias identidades diferentes dentro de si) para identidades de gênero que não são estritamente masculinas ou femininas,

,

estando, portanto, fora do binário de gênero e da cisnormatividade.” (D'Avila, R., 2022)

> Sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas. E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente. (JESUS, 2012, p.8)

A palavra travesti pode indicar um sentido de travestir-se de algo, mas não se trata diretamente disso. Por muito tempo foi utilizada enquanto forma pejorativa, mas o que se vê no contexto atual é o termo sendo reinvindicado por muitas travestis configurando-o como identidade, aproximando-se do sentido ou muitas vezes sendo sinônimo de transexual.

O debate maior no núcleo seria dado não pela abertura do espaço para mulheres trans, embora tenha correntes feministas que não as entendem enquanto mulheres, isso no núcleo nunca foi sequer questionado, mas no que tange a entrada de pessoas NB, existia, primeiro, uma falta de compreensão do que seria uma pessoa NB. A necessidade do diálogo foi trazida por uma pessoa NB e militante de um movimento parceiro que perguntou se poderia fazer parte. Após a pergunta, a dúvida interna, a decisão foi tomada de maneira unânime: Ser aberto também para pessoas NB.

> Em outras palavras, é por isso que não pode ser um movimento separatista. Propomos, ao contrário, participar de todo movimento que combate a favor dos 99%, seja lutando por justiça ambiental, educação gratuita de alta qualidade, serviços públicos amplos, habitação de baixo custo, direitos trabalhistas, sistema de saúde gratuito e universal, seja batalhando por um mundo sem racismo nem guerra. É apenas ao se aliar a esses movimentos que conquistamos poder e visão para desmantelar as relações sociais e as instituições que nos oprimem. (FRASER, Nancy. Feminismo para os 99%: um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.)

O feminismo da ETP é um movimento de luta para o fim do patriarcado por entender que ele é um pilar essencial do capitalismo, todos os gêneros oprimidos são bem vindos para somar na luta para os 99% e o objetivo é que no futuro o debate de gênero esteja tão enraizado na ETP que trabalhar a temática não seja uma função somente de um núcleo, mas naturalizado na escola inteira. Porém o espaço não será aberto para homens em todos os encontros para que também seja um local confortável e até mesmo para que se possa, enfim, ter mulheres

,

protagonizando o debate. A escola, assim como os movimentos, não é uma bolha impermeável que se protege de todas as opressões do mundo.

Fica evidente portanto que o nucleo feminista tem um compromisso tanto externo quando interno. A proposta de dois encontros semanais se deu por entender que existia uma defasagem de debate na ETP, que durante toda a sua existência havia organizado somente dois encontros com destaque na temática de gênero, um pré pandêmica e outro pós. Já era óbvio que a ETP defendia um feminismo anticapitalista e antiracista mas como não tinha sido organizado era preciso uma formação e estudo de todas.

A partir de um formulário de inscrição[10] criado no início do núcleo, pode-se analisar a relação heterogênea que o grupo tinha com o termo: Algumas já tinham o feminismo como objeto de estudo acadêmico, outras entendiam enquanto movimento de luta dos oprimidos, enquanto outras ainda tinham certa timidez para dizer o que entendiam e até houve outras que se colocavam sabendo bem pouco sobre o que se tratava.

Em relação ao teatro, a maioria afirmou ser o primeiro contato com ele. É curioso pensar que algumas mulheres, inclusive, tinham muita curiosidade em pensar o teatro e o feminismo, mas muita vergonha da parte teatral, por isso foram construídos encontros para que as que possuíam vergonha de falar o que pensavam saíssem da zona de conforto, assim como para quem possuía muita facilidade em teorizar, mas nos encontros mais práticos não possuía tanto costume. Criou-se portanto um pacto interno e um espaço seguro.

Foram traçados alguns objetivos que são fundamentais para nortear os encontros do núcleo:

1. Encontrar qual é o feminismo da escola aproximando do feminismo anticapitalista;
2. A partir do feminismo dos 99% criar cenas e intervenções;
3. Articular gênero raça e classe;
4. Iniciar o debate da teoria da reprodução social;
5. Consolidar o núcleo feminista;
6. Falar sobre maternidade;

[10] Anexo 1

,

7. Falar sobre trabalho doméstico, acesso ao trabalho, escravidao;
8. Falar sobre direitos reprodutivos;
9. Feminismo liberal: saber identificar, entender o que é e pq somos contra;
10. Fazer intervenções na rua e nos atos.

Os manifestos do livro “Feminismo para os 99%” foram essenciais, a leitura era mais simplificada e os exemplos trazidos neles eram facilmente reconhecidos. O debate sobre maternidade surgiu durante os primeiros encontros reverberando em teatro de imagem, técnica do TO já mencionada anteriormente. Embora o tema não tenha sido mencionado diretamente em algum manifesto, em qualquer debate feito nos encontros as mulheres sempre apresentavam a sua relação com as suas mães ou com os seus filhos.

Para Karl Marx (1996: 67) uma mercadoria precisa satisfazer as vontades humanas de qualquer natureza, ele também define força de trabalho como uma mercadoria especial, onde o capitalista aplica nela a produção da diferença do quanto um trabalhador produz de lucro para ele, seu patrão, e o salário inferior que ele, o trabalhador, recebe para reproduzir.

Segundo Marx, o valor dessa mercadoria é dado pelo tempo de trabalho necessário. Sendo o valor de uso, ligado a qualidade ou necessidade, e valor de troca, ligado, simplificando, a proporção de todas as mercadorias que se apresentam possíveis ou são do interesse para troca naquele momento. O que faz a proporção do valor de troca é o tempo de trabalho utilizado, embora haja a compreensão de que é possível uma atividade apenas ter valor de uso, Marx não define o que fazer com essas atividades. A maternidade é um desses trabalhos, dentro da perspectiva do cuidado Nancy Fraser (2023) diz:

> A atividade social reprodutiva não remunerada é necessária à existência do trabalho remunerado, à acumulação de mais-valia e ao funcionamento do capitalismo como tal. Nada disso poderia existir na ausência de tarefas domésticas, educação dos filhos, escolaridade, cuidados afetivos e uma série de outras atividades que servem para produzir novas gerações de trabalhadores e substituir os existentes, bem como para manter laços sociais e entendimentos compartilhados. A reprodução social é uma condição indispensável para a possibilidade de produção econômica em uma sociedade capitalista.(p.48-49 São Paulo: Elefante, 2023a)

Ser mãe, querer ser mãe, ser cobrada em ser mãe e como ser mãe são pensamentos que circulam o imaginário feminino inconscientemente. Em um dos primeiros encontros, onde o objetivo inicial era pensar em exercícios que

,

indicassem um teatro imagem e que só depois levassem para movimentação e fala, surgiu uma cena que contava em três imagens sobre uma mãe que gostava de dançar e beber, mas que não gostava que a filha fizesse o mesmo.





Acervo ETP 2024

Dentre muitas camadas que poderiam ser abertas na discussão a partir do tema maternidade, a destacada foi a repressão feita pela mãe à forma que a filha se portava: Não será buscado aqui definir como os sentimentos de hipocrisia e inveja, ambos possíveis, mas sim como a maternidade não inclui apenas reproduzir biologicamente, mas criar e manter essa vida.

Cinzia Arruzza em Teoria da Reprodução Social: elementos fundamentais para um feminismo marxista. (2023) apresenta como a maternidade também serve para ensinar os moldes da socialização de futuros trabalhadores, mesmo que esses nunca entrem de fato para o mercado de trabalho, portanto na cena é possível perceber que essa mãe embora pudesse ser lida como vilã ou errada, na verdade está cumprindo o que se espera do seu papel de geradora de trabalhadores.

,

O teatro permite que temas difíceis sejam acessados com mais facilidade, temas como violência obstétrica, assédio, estupro e maternidade foram muitas vezes colocados em forma de relato no núcleo que cumpriu um de seus objetivos de se tornar um espaço seguro e de acolhimento embora os temas continuem sendo delicados. Ao se trabalhar com opressão, qual é o limite que um multiplicador pode chegar em determinados relatos? A ETP não tem um protocolo para isso, apenas grupos de psicologia social parceiros para os quais é possível encaminhar seus membros.

É em espaços como o nucleo feminista que muitas vezes, a partir da troca com outras mulheres, que uma mulher consegue verbalizar algo que vem acontecendo com ela, ou até mesmo perceber que o que antes ela acreditava fazer parte da vida nao se trata de algo que deve ser naturalizado. Um exemplo: em um determinado encontro, durante um dos exercícios, uma mulher disse que seu namorado era muito violento e que ela precisaria faltar nos próximos encontros, pois iria para outra cidade ficar longe dele. Meses depois essa mesma mulher, já participando novamente dos encontros, disse que agora, a partir dos debates levantados no núcleo, conseguia encarar seu marido e dizer que ela não estava mais tolerando as atitudes dele. O que por um lado pode ser visto como vitória, a tomada de consciência, também pode ser visto como perigo.Se algo sai do controle fora do espaço do núcleo, o grupo não poderá fazer algo para protegê-la. O papel do multiplicador em situações como essa onde o militante está vulnerável não é pré pensado na escola, cada caso é um caso e a falta de protocolo muitas vezes deixa o multiplicador sem saber exatamente como fazer.

2.2 Os movimentos sociais

A escola possuía um núcleo de ocupaçoes que se encerrou e muitas mulheres desse antigo núcleo foram encaminhadas para o feminista, o debate do que é ser mulher nas ocupações urbanas no capitalismo foi visivelmente importante para solucionar um possivel problema que as multiplicadoras estavam com receio que se iniciasse: A sensaçao de inferioridade intelectual que as mulheres que nao passaram por um universidade poderiam sentir ao dividir o espaço com as que são universitárias. O analfabetismo, por exemplo, foi uma realidade que surgiu ainda nos encontros iniciais e fez com que a parte teórica precisasse ser repensada. Não

,

podia se tratar apenas de levar um texto para ler com o grupo, foi necessário pensar em dinâmicas e formas variadas que incluíssem todas elas, mas foi falar sobre a realidade delas assumindo que a vivência trazida por elas se torna fundamental para qualquer teoria levada, não só uniu o grupo como atiçou uma vontade de fazer cena de quem antes não se sentia tão confortável e no mesmo período chegou um desafio: Com menos de um mês o núcleo feminista foi convidado para participar do ato contra a PL709 que criminaliza quem realiza qualquer tipo de ocupação. O tema já estava sendo abordado, o que deixou o núcleo animado em participar, outras mulheres que faziam parte do antigo núcleo de ocupações da ETP somaram e trouxeram uma cena antiga para adaptarmos.

A cena “OCUPAÇÃO SIM, REMOÇÃO NÃO”[11] fala justamente sobre conquistar um espaço para moradia e o processo inicial de arrumação do local.





acervo ETP 2024

[11] Cena completa no anexo 2.

,

Foi a primeira vez do núcleo se apresentando, a maioria conhecia a cena e foi tomado o cuidado de pegarem as suas antigas personagens, pois iria facilitar, porém existiam alguns problemas materiais: A apresentação era pela manhã, no horário de trabalho, o que dificultou a presença de todo grupo; A projeção vocal do grupo no espaço do ato era uma dificuldade, por tanto era preciso pensar em como ser compreendidas, a solução encontrada foi escrever em cartazes.

Era uma cena muito pessoal delas, falava sobre a sua realidade, a exposição parecia ser maior, diferente de quando inventam personagens no improviso ou alguma interpretava um capitalista que claramente ela não se identificava. Elas trouxeram alguns relatos encontrados na internet como “Há 35 anos não tomo banho de chuveiro. O mínimo que uma casa deveria ter é um banheiro.” ou “me vi na situação de escolher entre pagar o aluguel ou dar comida para meus filhos.” e compartilharam quando eram elas que viviam essa mesma realidade. É indiscutível que a falta de moradia própria atinge homens e mulheres, principalmente no segundo estado mais rico do Brasil onde o déficit habitacional ultrapassa 450 mil casas (REGUEIRA, 2023), mas são as mulheres que muitas vezes precisam mudar da cidade onde vivem para fugir da violência. Para Saffioti (2001) a “violência de gênero” serve como manutenção das hierarquias de gênero se materializando no patriarcado que é um regime de exploração e dominação que busca garantir o poder masculino (SAFFIOTI, 2004. pág 44).

Uma característica trazida por elas foi que, pela militância ser o espaço onde moram, algumas tarefas domésticas se tornam tarefas de militância voltada para as mulheres. Isso pode ser visto em outros espaços também, como no momento da relatoria de uma assembléia, de organizar os materiais e etc..

> De fato, os hábitos sectários que a Esquerda tem demonstrado tradicionalmente em relação às lutas das mulheres são consequência de sua compreensão rasa do modo pelo qual o capitalismo constitui o seu domínio e da direção que a luta de classes deve tomar para quebrar esse domínio. Em nome da "luta de classes" e "do interesse unificado da classe trabalhadora", a Esquerda sempre selecionou certos setores da classe trabalhadora como sujeitos revolucionários, condenando outros ao mero papel de coadjuvantes nas lutas travadas pelos setores mulheres escolhidos. A Esquerda tem, assim, reproduzido em seus objetivos estratégicos e organizacionais a mesma no relatória divisão de classe que caracteriza a divisão capitalista do trabalho. Neste ponto, apesar da variedade de

,

> posições táticas, a Esquerda tem estado estrategicamente unida. (FEDERICI, S. 2019 página 63)

O debate sobre ocupações urbanas também resultou na cena “Unir o dividido” (Anexo 6), baseado no modelo brechtiano da ETP de mesmo nome, que consiste em colocar em cena um grupo fragmentado na ideia, mas que pertence à mesma classe social e um personagem que seu objetivo é acabar com essa fragmentação.

A cena foi criada para debater a rivalidade feminina que existia dentro da ocupação, as mulheres do núcleo que fazem parte de ocupação, mesmo que distintas, tinham uma opinião clara de que a rivalidade feminina era intensificada porque as mulheres estavam muito estressadas, tendo que lidar com trabalho triplicado. Chegou-se a conclusão que as brigas só iriam finalizar quando elas compreendessem o combustível dessa briga, precisava-se então pensar o como fazer e aí se foi para cena, a resposta encontrada foi: Afeto que em cena seria representado por um bolo.

Renata *(alegre):* Genteeeeeee

(silêncio)

Renata *(*percebendo o clima)*:* Eita…. *(tentando animar)* Fiz um bolo de banana! Tava querendo falar com vocês!

Damiana: Ah, Renata… não tô no clima não…..

Renata: É rápido…

Damiana: Não é com você não tá… desculpa.. É com essa daí

Maria: Fale por você damiana, eu estou cansada de você

Renata: Já pararam pra pensar que vocês ficam nessa briga todos os dias, mas que não são só vocês?

Maria: Que?

Renata: A Geiza não fala com a Flávia por conta da água, A Manuela e a Jessica nem se olham por conta do horário da reunião, a Janete não suporta a Lili porque diz que a Lili quer mandar na alimentação… A gente não tá se falando porque estamos todas preocupadas em arrumar esse lugar aqui. E os homens? Acabei de passar na sala e tá todo mundo conversando sobre futebol. O caio demorou uma semana pra comprar o material pra arrumar a eletrica e ninguem reclamou, ele só

,

foi lá comprar porque eu e a juliana ficamos no pé dele se nao iamos ficar mais de um mês esperando o bonito!

Maria: É, eles ficam conversando, enquanto a gente cuida da casa e da ocupação.

No fim da cena, as mulheres aceitam o convite para participarem de um espaço coletivo entre elas, um núcleo de teatro, na vida real não foi o que aconteceu. Segundo Teixeira (2013) a ideia de modelo é resultado da junção entre peças didáticas e jogo teatral. “modelo de ação, são essencialmente abertos para o jogo e a atualização. O conceito de modelo de ação (*Handlungsmuster*) implica em uma atitude diante do texto, em abordá-lo como um material poético sobre o qual uma ação se dará.”

O núcleo feminista existe em parceria com o movimento unificado dos camelôs, esse movimento é majoritariamente feito por militantes da ocupaçao Gilberto Domingos[12]. Os trabalhadores camelôs em sua maioria são pretos, se somar o preconceito de classe existente tanto com camelôs quanto com moradores de ocupação somado ao racismo colonial existente no brasil é possível perceber que não somente mulheres são jogadas nessa ideia do feminismo liberal, mas também toda a classe trabalhadora acaba se enganando principalmente com termos como “colaborador” nas empresas ou “ser a sua própria empresa com os MEIs e o aumento de trabalhadores informais por aplicativo. O medo da violência com a juventude era algo constante no núcleo feminista, onde as mulheres principalmente traziam a preucupaçao com seus filhos.

> Um dos mecanismos mais cruéis da situação do negro brasileiro na força de trabalho se concretiza na sistemática perseguição, opressão e violência policiais contra ele. Quando seus documentos são solicitados (fundamentalmente a carteira profissional) e se constata que está desempregado, o negro é preso por vadiagem; em seguida, é torturado (e muitas vezes assassinado) e obrigado a confessar crimes que não cometeu. De acordo com a visão dos policiais brasileiros, "todo negro é um marginal até prova em contrário". Claro está que esse consenso setorial não é uma casualidade.(GONZALEZ, Lélia. 2020. Pág.45)

Seguindo a ideia de modelo, outra cena criada foi a partir do modelo “Dividir o unido” que tem como objetivo trazer a contradição material de um grupo unido ideologicamente. A ideia da cena é que um personagem mostre a contradição material e que essa união se rompa. Um exemplo é uma cena da peça “Mãe” de

[12] Em 2023 o Movimento Unificado dos Camelôs ocupou um prédio da na Lapa que estava em desuso há mais de 30 anos e assim foi fundada a ocupação Gilberto Domingos.

,

Bertolt Brecht onde Pelagea Vlassova, a mãe, após ter seu filho assassinado recebe mulheres da igreja, elas compartilham da ideia que seu filho é um marginal por ser comunista. As mulheres dizem que deixam as desavenças de lado e como cristãs vão consolá-la levando uma sopa e uma bíblia, Pelagea aceita somente a sopa e a conversa se desenrola para as mulheres dizendo que seu filho foi morto por não fazer o correto e que tudo está nos planos de Deus, com isso Pelagea retruca levando a cena para outro caminho, acontece que as duas personagens unidas na fé na verdade são separadas pela classe, e na hora da cobrança do aluguel a proprietária deixa de ser uma irmã em cristo e se torna a pessoa que vai despejar a sua amiga de fé, porém inquilina sem dinheiro:

> A SENHORIA - Não se esqueça nunca, sra. Wlassowa, porque Deus levou seu Pawel.
>
> PEIAGEA WLASSOWA -O Tzar o levou e não esquecerei nunca o porquê.
>
> PE!AGEA WLASSOVA para a Mulher Pobre - Lydia Antonowna, eu ouvi que Deus, que jã levou o meu Pawel, pensa agora, no próximo sábado, levar também a sua casa. É verdade? Deus despejou a senhora?
>
> A SENHORIA- Eu a despejei porque estava hã três meses sem pagar o aluguel.
>
> PELAGEA WLASSOVA - Então, Wera Stepanowna, quando Deus determinou que a senhora não recebesse três aluguéis, o que fez a senhora?
>
> Wera Stepanowna silencia.
>
> PELAGPA WLASOVA - Pôs a Lydia Antonowna no olho da rua. E a senhora, Lydia Antonowna, o que fez a senhora quando Deus determinou que a senhora deveria ir parar no olho da rua? Eu gostaria de sugerir que a senhora peça emprestada a Bíblia à senhoria. Quando estiver sentada à beira da calçada, no frio, a senhora poderá ler para os seus filhos as páginas onde se diz que devemos temer a Deus. (BRECHT, 1990. Paz e Terra. Pág 224 -225)

A cena utiliza o modelo trazendo o debate da Tese 2 do *manifesto para os 99%* que diz que o feminismo liberal engana com o discurso de tomada de poder feminino.

> O feminismo liberal se recusa firmemente a tratar das restrições socioeconômicas que tornam a liberdade e o empoderamento impossíveis para uma ampla maioria de mulheres. Seu verdadeiro objetivo não é igualdade, mas meritocracia. Em vez de buscar abolir a hierarquia social, visa a “diversificá-la”, “empoderando” mulheres “talentosas” para ascender ao topo. Ao tratar as mulheres como “grupo sub-representado”, suas proponentes buscam garantir que algumas poucas almas

,

> privilegiadas alcancem cargos e salários iguais aos dos homens *de sua própria classe*. ARRUZZA, C. BHATTACHARYA, T. FRASER, N. 2019. pag 37)

Em cena o contexto que o grupo quis trazer foi o empresarial, onde as personagens possuíam a expectativa de que por ter uma chefe mulher, tudo seria melhor.

secretária (para presidenta)**:** A senhora falou que por ser mulher as coisas iriam funcionar melhor! Que iria nos defender!

Presidenta: Defender a empresa é defender todas as mulheres da empresa!

(*secretaria e copeira se olham indignadas)*

Presidenta: Gente eu sou mulher, mas as regras do jogo não mudaram! E eu preciso jogá-lo para continuar onde estou! Estou errada por isso? *(olha o relógio)* Errada estou em me atrasar para essa reunião importante.

Secretária (para trabalhadora)**:** Você fica ai querendo mudar a lógica da empresa e agora quem está desagradando sou eu que atrasei a reunião….

Muito foi debatido sobre essa falsa ideia de que quando uma mulher conquista o poder, ela representa todas as outras, não por ela ser ruim, mas porque para se manter no poder algumas conciliações precisam ser feitas. Há uma frase utilizada dentro da ETP que á a “fusca não voa” o que isso quer dizer: Nem mesmo o melhor piloto do mundo dirigindo um fusca seria capaz de fazer ele voar, porque o fusca não tem a mesma estrutura que um boeing portanto não se trata da qualidade de quem o dirige, mas que para fazer ele voar, ele antes precisa deixar de ser fusca. Colocar uma mulher no poder não vai deixar que o patriarcado exista, assim como colocar um metalúrgico na presidência não fez com o Brasil deixasse de estar a serviço dos mais ricos ou colocar uma mulher na presidência fez com que a pauta de direitos reprodutivos avançasse, tema este que levantou diversas opiniões quando debatido no núcleo.

Havia uma certa preocupação das multiplicadores ao tratar sobre o aborto, assim como o movimento feminista carioca atual que teme levantar a pauta do aborto em seus atos com medo de nao conseguir dialogar com a base por se tratar de um tema dificil, que envolve principalmente a culpa cristã muito forte entre os brasileiros. As multiplicadoras, embora não concordem com o posicionamento das organizações que temem reivindicar pautas que gerem grandes repercussões,

,

também temiam perder suas militantes do núcleo. Pelo contrário do que se estava esperando, o núcleo não rachou após o debate, mas as opiniões diferentes permaneceram.

Seguindo a mesma linha de debate, foi questionado por elas, qual o limite da nudez enquanto liberdade cênica e a sua linha tênue com a objetificação, para conversar sobre isso, um dos encontro do núcleos foi na exposição “Funk: Um grito de ousadia e liberdade” no Museu de Arte do Rio. O grupo chegou à conclusão que nessa exposição a nudez e a sensualidade eram para realçar a beleza periférica e que o funk carrega isso consigo.

No movimento feminista houve um perído onde o corpo era mostrado com o objetivo de perturbar a moral. A Marcha das vadias foi um protesto que teve inicio em Toronto em 2011 e ocorreu em diversas cidades do mundo em resposta a ideia de que o estupro é evitável quando mulheres não se vestem como vadias, uma ideia não só equivocada, ao considerar que as maiores vitimas são menores de idade (Agencia Brasil, 2024), como misógina. A marcha tomou grande proporção midiática e fez ecoar a ideia de que o corpo feminino poderia se autoproclamar contra a sua objetificação utilizando nudez e elementos que o sexualizam

> “Trata-se de uma luta contra os movimentos de criminalização e estigmatização dos corpos desviantes (…) A Marcha grita pelo direito ao próprio corpo, feminino e feminizado, se colocando contra toda e qualquer forma de opressão, inclusive contra as violências institucionais.” (Nota da Justiça Global em apoio à Marcha das Vadias RJ, 2023)

A ideia de autonomia sobre o corpo e liberdade sexual, sem problematizar a divisão sexual do trabalho, resulta na mercantilização do corpo das mulheres e na banalização da sexualidade. O ponto de vista individual se enquadra no pensamento neoliberal, quando as mulheres constroem um pensamento centrado em si mesmas ignorando que muitas mulheres no Brasil não possuem escolha quanto a como querem ser lidas ou sexualizadas.

,

2.3 A reprodução social

Há um grupo mundialmente conhecido chamado The guerrilhas girls que questionam a forma que as mulheres são representadas em museus e o número delas enquanto trabalhadores nessas instituições.



Acervo MASP 2017

Esse grupo utiliza máscaras de gorilas para esconderem a suas verdadeiras identidades nas intervenções. Inspiradas no grupo, o nucleo feminista da ETP também assumiu a estética do uso de máscaras, nesse caso sendo as de sacola de papel, mas por um outro motivo: Havia muita vergonha do grupo em se soltar corporalmente. O teatro na rua exige um corpo mais expansivo, que ocupe o lugar, as máscaras primeiro foram pensadas para esconder a timidez e quase se auto enganar como se ao esconder o rosto, elas não estivessem aparecendo, embora soubessem que com a máscara tudo sobressalta no olho de quem vê. O ganho foi extremamente positivo, parecendo que ao esconderem o rosto, elas se sentissem mais soltas para as movimentações.

As máscaras a seguir foram pensadas para o ato do 8M, dia internacional das mulheres, de 2025 e tentaram ser um resumo de todo o repertório construído com pouco menos de um ano.

Máscara 1: Mulher (bomba) relógio

,

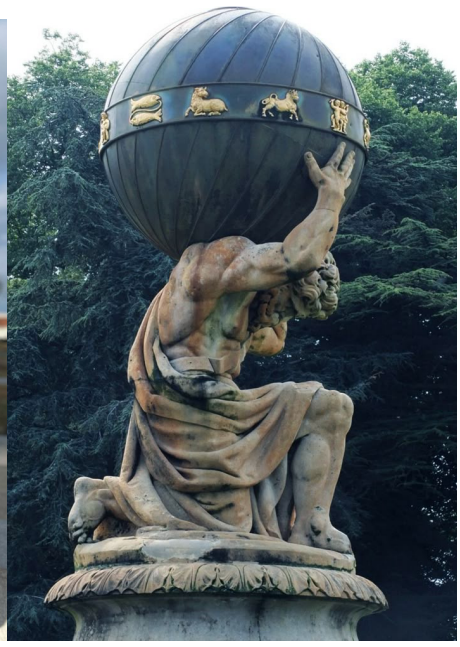
Nancy Fraser (2019) explica que o trabalho do cuidado geralmente é atribuído às mulheres e que nos tempos atuais vive-se a crise do cuidado, ou seja, há um esgotamento social, onde as mulheres não possuem tempo para realizar tudo que são responsáveis: filhos, casa, trabalho, parceiro, lazer. A mulher bomba relógio, portanto representa essa mulher que está prestes a explodir, porém se ela parar nada funcionará.



Acervo ETP 2025

Máscara 2: Atlas é mulher





Acervo ETP 2025 *Em gettyimages.com acessado em 05/09/25*

,

A imagem de uma mulher que carrega o mundo foi pensada a partir da história do Titã Grego Atlas, que foi penalizado pelos deuses ao carregar o mundo nas costas para sempre. Observa-se aqui que não é qualquer mulher que essa máscara representa e sim a negra que desde a construção desse país sofre dos dois tipos de violência de gênero e a racial.

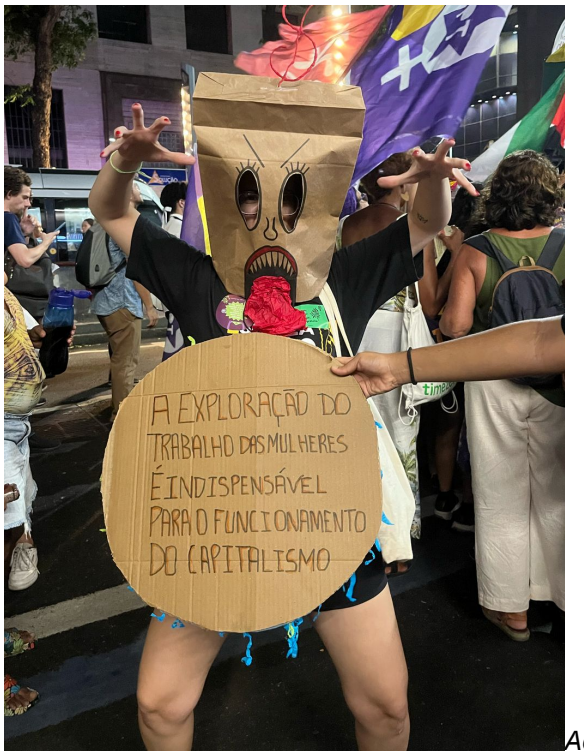
> Os comportamentos dos donos de escravos para as mulheres escravas eram: quando era rentável explorá-las como se fossem homens, sendo observadas, com efeito, sem distinção de género, mas quando elas podiam ser exploradas, castigadas em formas ajustadas às mulheres, elas eram fechadas dentro do seu papel exclusivo de mulheres. (DAVIS, 2013, p. 11).

Atualmente continuam sendo as mulheres negras as que ao carregar o mundo nas costas também trazem consigo pensamentos e reflexões capazes de pensar o todo, os 99%. É claro que a interpretação de quem vê a mascara de fora talvez não pense que se trata de uma mulher negra, mas para o núcleo feminista se faz unanime a opinião de que se houve alguem na história do povo brasileiro que precisou carregar o mundo para que se desse o funcionamento do capitalismo, esse alguem seria uma mulher negra. O feminismo que não pensa a raça está fadado ao fracasso.

> Mas sobretudo a mulher negra anônima sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família é quem, a nosso ver, desempenha o papel mais importante. Exatamente porque com sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência nos transmite a nós, suas irmãs mais afortunadas, o ímpeto de não nos recusarmos à luta pelo nosso povo. Mais ainda porque, como na dialética do senhor e do escravo de Hegel, apesar da pobreza, da solidão quanto a um companheiro, da aparente submissão, é ela a portadora da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder.(GONZALEZ, Lélia. 1980)

,

Máscara 3: Capitalista faminta - falsa feminista



Acervo ETP 2025

Seguindo a linha da crítica ao feminismo liberal, essa máscara expõe a frase que está escrita no verso do mundo carregado na máscara 2. O capitalismo não existe sem o trabalho das mulheres, portanto quando uma mulher chega ao poder outras precisaram ser exploradas por ela. Para o núcleo é necessário que o poder não exista para que todes de fato estejam vencendo.

A cena “SAARA VENDE SARA E MARA” (anexo 2) foi pensada para o 8 de março, no ato anual que acontece pela vida das mulheres. Essa cena tenta unir as características principais do núcleo trazendo o debate sobre a dupla jornada de trabalho.

Camelô: Resolve tudo o que você precisar! Lava, passa, seca, limpa, faz a cama, faz teu café da manhã, almoço, janta e se você programar ainda faz teu lanche, você nem vai precisar se preocupar com o mercado…
Comprador: Quanto custa?
Camelô: Tem coisa que não tem preço! Chega mais perto, dá uma olhada com calma….. Tem vários modelos com diferentes especificações…. essa máquina aqui por exemplo cuida do teu filho e você nem precisa pagar pensão, já aquela ali nunca

,

nega uma conchinha. Sabe, elas são ótimas se você também tiver precisando de suporte emocional, algo para gerenciar a sua família, as festas de fim de ano e aniversário, ela programa alarme pra hora do remédio e pra hora de acordar, pode tratar mal que ninguém vai ligar! Olha, olha, olha a promoção nesse mês de julho! Plus, Master, Ultra, Mega Machine, 7 funções!

O comprador percebe que a máquina que comprou é a sua mãe. O vendedor logo se adianta e traz uma “máquina mais nova” que aparece pronta para casar, o comprador ainda em choque gera uma pane elétrica sem querer e todas máquinas entram em pane e cantam uma versão adaptada da música “salário mínimo” cantada por Beth Carvalho.

Cansei de tanto trabalhar
Na ilusão de melhorar
Cinco filhos, sozinhas e casa pra sustentar
Mil e quinhentos reais, não dá
Não dá, não dá, não, não dá
Trabalhei demais por causa deles
Os trajes deles são os de Adão e Eva
Se acostumaram a passar mal
Mas isto não é legal
A vida que a gente leva
Cansei de tanto trabalhar
Na ilusão de melhorar
Cinco filhos, sozinha e casa pra sustentar
mulher 1: *o preço da carne, não dá*
Não dá, não dá
mulher 9: *minhas crianças morrendo, não dá*
Não dá, não dá,
mulher 6: *me cobrar ter filho, não dá*
Não dá, não dá
mulher 6: *A 6x1, não dá*
Não dá, não dá

Essa cena é a uma variação de uma outra cena criada a partir das seguintes imagens:

,



O trabalho da mulher nunca acaba - See Red Women`s Workshop (1976)



O capitalismo também depende do trabalho doméstico - See Red Women`s Workshop (1974)

Nessa segunda cena o objetivo era mostrar como o trabalho da reprodução social pode ter a mesma estrutura que uma fábrica. Em ambas as cenas o foco está no debate da reprodução social. No que se refere a reprodução social, pode se dizer que ela é o trabalho reprodutivo que garante a manutenção da reprodução humana. A reprodução biológica: Diz respeito a procriar e cuidar. A reprodução da força de trabalho: educar, seja técnicas de trabalho, seja habilidade social. A Reprodução social: Manter financeiramente, geralmente por meio da família. Para Tithi Bhattacharya (2023) o trabalho que mais fortalece o capitalismo é feito pela classe trabalhadora fora do ambiente de trabalho e por isso são as mulheres peças fundamentais para o capitalismo porém pouco remuneradas para que possam continuar a produzir.

> Quem entende melhor este processo? O capitalismo. Este é a razão pela qual o capitalismo ataca brutalmente a reprodução social para ganhar a batalha na produção. É por isso que ataca os

,

> serviços públicos, empurra a carga de cuidados para as famílias individuais, reduz o cuidado social para fazer com que toda a classe trabalhadora seja vulnerável e menos capaz de resistir aos seus ataques no local de trabalho. (BHATTACHATYA, T. 2023)

O nucleo feminista portanto busca mesmo que em passos pequenos trazer esses debates em forma de cena. Muitas mulheres e pessoas NB passaram por ele, muitas saíram porque a materialidade da vida não permite a permanência constante delas no núcleo. A esperança ainda existe, no momento em que este trabalho está sendo escrito o núcleo ainda funciona, criando cenas e debates feminista na ETP e nas ruas.

,

CONCLUSÃO

As questões sobre gênero estão sendo cada vez mais discutidas, tanto na academia, quanto nas artes e até mesmo na grande mídia. A disputa se dá, portanto, em fazer com que o feminismo seja muito mais do que um nome ou do que a representação de mulheres unidas ou mulheres no topo apenas.

O teatro do oprimido e o teatro político dialético atuam como um instrumento de organização dos marginalizados e oprimidos, se engana quem pensa que todo teatro é assim, se engana também quem pensa que todo feminismo é feito pela e para classe trabalhadora.

Dessa forma, como apresentado no primeiro capítulo, a Escola de Teatro Popular propõe para os seus militantes a construção de um teatro que deixa de ser sobre outrem passando a ser eles mesmos os sujeitos de seu debate. No segundo capitulo foi possível observar que os encontros de teatro feminista não sao prioritários na vida das mulheres que possuem outras tarefas, a dupla ou tripla jornada de trabalho que impede muitas vezes a presença delas no núcleo, porém é tambem a falta que se as fazem presente materializando o que se debate sobre reproduçao social e trabalho do cuidado.

O teatro por si só é insuficiente, nem mesmo o mais importante do núcleo feminista e da escola. É a coletivização da insatisfação com a realidade da vida que faz a ETP ser muito mais forte que qualquer imposição da subordinação que o capitalismo deseja. Se nenhum movimento é uma bolha dentro da realidade, na ETP tão pouco seria, mas é também nela com suas imperfeições que busca-se uma outra realidade.

Contudo, esse trabalho não possui um ponto final. Nele outra lacunas foram abertas poderia seguir falando de movimentos e grupos que já pensam o debate de genero e o TO como por exemplo o *Teatro das Oprimidas*[13] ou nas *Marias do Brasil*[14]. Pouco se falou aqui em como o trabalho da ETP é interferido pelo neopentecostalismo que leva a ideologia de extrema direita e bolsonarista para as favelas e para a juventude. Outros pensamentos surgem como a quase não menção ao teatro épico e a forma que Brecht escolhe representar as personagens femininas ou não foi pensado ainda o quanto de épico existe nas cenas do núcleo. Como é

---

[13] Criada por Barbara Santos inspirada no TO de Augusto Boal.

[14] Grupo de domésticas e atrizes que utilizam o TO há mais de vinte anos.

,

possível radicalizar ainda mais no marxismo e na negritude nas abordagens que são feitas pela ETP? São perguntas e caminhos que a ETP Feminista deseja seguir. Não há palco ou rua criada no capitalismo para o debate feminista antirracista e anticapitalista, eles precisam ser tomados e para serem tomados é urgente que as mulheres entendam a melhor forma de se organizarem.

,

ANEXOS

ANEXO 1- Formulário criado no fim do primeiro semestre de 2024 para o retorno do núcleo.

Data de Nascimento
1975-02-24
1994-12-23
1989-09-06
1988-02-16
2003-10-02
1993-03-18
1999-05-29
1963-12-22
2001-03-05
1983-11-26
1986-02-13
1997-08-19
1989-04-08
1991-10-13
1996-11-30
1996-11-30
1973-04-04
2002-04-02
2002-11-19
1998-02-14

,

1991-03-15
1980-01-19
1995-01-18
1988-05-17
1998-08-10
2004-05-27
1986-07-26
2000-01-11
1960-09-07
2024-11-12
1980-01-15
1985-01-12
1981-08-20
2006-08-11
2004-03-01
1996-12-09

Marque o gênero no qual você se identifica
mulher cis
pessoa nao binarie
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
pessoa nao binarie

,

mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher trans
mulher trans
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher trans
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
mulher cis
pessoa nao binarie

,

Como voce se identifica?
branca
branca
branca
branca
branca
branca
parda
preta
preta
Mestiça
branca
parda
branca
Morena
amarela
parda
preta
branca
branca
branca
parda
branca
branca
branca
branca
branca

,

Como voce se identifica?
branca
parda
indigena
branca
branca
parda
parda
preta
preta
preta
parda

Bairro onde mora
Piedade
Madureira
Vila Isabel
Glória
Jardim Carioca
Mesquita - baixada fluminense
Higienópolis- Rj
Centro
Andaraí
Maracanã
Laranjeiras
Copacabana
Santa Teresa
Tijuca

,

santo cristo
Santo cristo
Santo cristo
Santo Cristo
Jardim Catarina - São Gonçalo
Lapa
Del Castilho
Maria da Graça
Gávea
Parque Tietê
jacarepaguá
Bangu
Tijuca
Flamengo
Tijuca-RJ
Ilha do Governador
Engenho de Dentro
Colégio
Cordovil
Inhaúma
Estácio

Você faz parte de alguma organização? Se sim, qual?
Não

,

Atualmente não estou em espaços de militância, mas atualmente participo de uma articulação feminista de estudos e divulgação sobre a teoria da reprodução social.
Não
Não
Extensionista PLP
Não
Coletiva PLPS -RJ e Rede Ìyálodes
Não
Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Penna
Tenho um grupo de teatro pra infância
Nao!
Casa Nem
Anarca Filmes
𝕹ã𝖔
𝕹ã𝖔
Cmp
Não
No passado, não faço mais
Aplikarte
Não.
Não
Já fiz.
Curso Popular e Anticapacitista de Libras
não faço
Não
Não faço parte

,

Nao
Não
Não
Não
Não
Não
Não
Coletiva Decá

O que você entende enquanto feminismo?
Luta e defesa em nome de todas as.mulheres oprimidas por todos e qualquer motivo contra a figura feminina
A busca pela libertação e emancipação contra a hierarquia de gêneros, busca pela equalidade (não pela igualdade), e uma luta de classes de gênero
Penso o feminismo como uma expressão e uma ferramenra plural de organização das mulheres, mas defendo um feminismo classista, racializado e transinclusivo.
Faz parte da minha essência. Para mim não tem como ser mulher e não ser feminista pois, todos os dias precisamos lutar para: mantermos e conquistarmos direitos; sermos ouvidas e respeitadas; escolhermos o que fazemos com os nossos corpos; termos o simples direito de andar nas ruas sem ser assediada. Por essas questões e por tantas outras que nos atravessam a meu ver não tem como estarmos em sociedade e não sermos feministas.

,

O feminismo que eu acredito é um feminismo anticapitalista e interseccional, no qual entende a que a luta é antirracista; anticapacitista; é contra a lgbtqia+fobia; contra o machismo e o patriarcado; é a favor de uma sociedade mais coletiva, mais equitativa, mais ambientalista, ou seja, que é anticapitalista, porque o capitalismo que é a base para tudo isso que torna o mundo mais desigual e desumano. Então, para mim, feminismo tem sim a ver com direitos iguais entre mulheres e homens, mas acaba indo muito além disso devido a toda complexidade da sociedade em que vivemos. Além disso, é um assunto que eu me interesso muito e vou amar ter a oportunidade de participar!
Para mim, feminismo é mais que um movimento, é uma concepção de mundo onde a liberdade tem um valor ético central, feminismo pra mim é tão essencial quanto o oxigênio, pois é necessário a luta feminista para que possamos respirar nessa sociedade ainda tão opressora - patriarcal.
sou uma mera entusiasta do movimento feminista, trago questionamentos no meu corpo político, no meu dia a dia, em fazer escolhas que desagradam infelizmente uma boa parte da sociedade, da minha própria família. Sinto que é uma escolha um pouco solitária, mas questiono as minhas atitudes e sempre que posso, questiono das pessoas próximas a mim. sempre tentando trazer embasamento e um diálogo saudável, ou só a viver a minha vida do jeito que acredito ser o melhor para mim.
Ações e posicionamento em defesa dos direitos das mulheres e resistência a opressões relacionadas a gênero.
Feminismo é a aliança pela qual mulheres cis, trans, travestis e pessoas alinhadas ao feminino buscam emancipação. O movimento não apenas pensa a questão do gênero mas também se preocupa com as questões de classe e de raça.
Entendo como uma luta por igualdade para a mulheres em uma sociedade estruturalmente patriarcal e que precisa ter recorte de gênero, classe e raça.
Um movimento de luta por uma sociedade mais justa entrgeneros proposto por mulheres.
Bandeira essencial para mulheres sobreviverem na sociedade

,

Para mim, o feminismo é sobre buscar igualdade entre homens e mulheres. É lutar para que todos tenham os mesmos direitos e oportunidades, sem discriminação. Além de combater a violência e a opressão contra as mulheres, o feminismo também questiona os estereótipos de gênero e as normas sociais injustas. Em resumo, é sobre promover justiça e inclusão para todos, independentemente do gênero.
A luta das mulheres por direitos de serrm entendidas como ser humano nas suas particularidades
nada
nada
Direito das mulheres
Pouca coisa
A luta pela libertação de todas as mulheres das opressões
Entendo que existen muitos feminismos como um movimento político de pessoas oprimidas
Luta da mulher ser exatamente quem ela é.
Movimento político e social que busca equidade de gênero para as mulheres
A luta mais importante e necessária, que não só as mulheres, mas que todos, todas e todes deveriam se unir em prol de um mundo mais harmonioso.
Garantir que as mulheres estejam em pé de igualdade em relação aos diretos para com os homens
a luta pelo direito das mulheres
Eu sou aquilo que desejo ser
Luta constante pelos nossos direitos humanos!!!
Á força das mulheres
Sobrevivência
liberdade e busca dos direitos sobre nossos corpos e ações.

,

O feminismo é um movimento social, político e cultural que busca a equidade de direitos entre os gêneros, desafiando as estruturas de opressão que historicamente relegaram as mulheres a posições de subordinação. Ele não é monolítico, mas múltiplo, refletindo diferentes contextos culturais, sociais e econômicos. O feminismo interseccional, por exemplo, reconhece que questões de gênero estão interligadas com outras formas de opressão, como raça, classe, sexualidade e identidade. Esse olhar é essencial, especialmente em países como o Brasil, onde mulheres negras e indígenas enfrentam camadas adicionais de discriminação. Além disso, o feminismo valoriza a escuta e o resgate das histórias e conhecimentos das mulheres, incluindo saberes ancestrais afro-brasileiros e indígenas. Ele não apenas luta contra a violência e a exclusão, mas também promove o empoderamento, a autonomia e a celebração das diversas formas de ser mulher. O feminismo é uma jornada contínua, que desafia sistemas, mas também acolhe e inspira transformações, tanto no nível individual quanto coletivo. É um movimento que olha para o passado, dialoga com o presente e projeta um futuro mais justo e igualitário.
O feminista luta a favor dos direitos de todas as minorias, combatendo preconceitos e violência.
Entendo que o feminismo é um movimento que luta pela equidade de gênero.
Entendo como um movimento importantíssimo para a sociedade, na luta por um mundo mais justo, e que seja com um olhar a partir da interseccionalidade, atravessado por gênero, classe e raça.

Qual a sua relação com o Teatro?
Espectadora, fã e iniciante na ETP
Frequentei um pouco a ETP ano passado
Nunca tive nenhuma aproximação com o teatro, mas me parece uma ferramenta fundamental para educação popular e luta social.

,

Só como espectadora, sempre tive muita curiosidade em fazer mas não tinha oportunidade.
Minha relação com o teatro é de muito amor. Esse ano minha meta principal era conseguir fazer teatro, mas todos que eu achei eram bem caros e eu não teria condições de pagar. Eu tive uma experiência de ficar uns dois meses em aulas de teatro e acho tão incrível ter um lugar que quer que você se permita descobrir mil partes de si, que te deixa desconfortável mas, ao mesmo tempo, te deixa tão vivo. Eu sinto que o teatro é um mundo em que o julgamento não cabe, o respeito é pré-requisito e a loucura é a protagonista. Local em que finalmente a palavra loucura ganha uma beleza, diferente da conhecida popularmente e utilizada de maneira pejorativa pelas pessoas. A loucura que a criatividade permite, que a diversidade abraça, que todos nós somos, mas que a sociedade nos reprime para não sermos, porque quando somos loucos somos a forma mais livre que dá pra sermos. Então, eu ficaria muito feliz de poder participar dessa loucura linda com vocês.
Sofri muita violência psicológica na infância e isso afetou a minha voz, constantemente ouço comentários como "fala pra fora", pois a minha voz não tem entonação, falo baixo, não consigo me comunicar bem com as pessoas, mas cresci ouvindo cala a boca, para de falar agora e vá para o seu quarto, entre outras coisas, então vejo o teatro como uma libertação necessária dessa voz que está presa aqui dentro e precisa se colocar no mundo, vejo o teatro como essa importante ferramenta de transformação.
Fiz teatro na escola por muitos anos, de forma bastante embrionária, tinha um projeto que chamava “música e movimento” foi onde tive acesso à arte, cultura popular… Com 15 anos apresentei Valsa n° 6 com um elenco só de mulheres, descobri o cinema, deixei de lado um pouco o teatro pois ficou difícil de equilibrar as duas tarefas, sou formada em cinema e hoje em dia faço parte da ocupação de teatro da areninha João bosco em irajá.
Acredito na arte como forma de expressar e comunicar idéias e o teatro é uma das expressões artísticas mais popular e de grande efeito para impulsior idéias

,

Minha relação com o teatro é apenas como alguém que admira e tenta de alguma forma introduzir certos saberes no dia a dia. Tive a oportunidade de vivenciar dinâmicas de jogos teatrais no ensino médio, estudei num curso online e em disciplinas de Filosofia e Artes Visuais na universidade. Mas nunca de fato participei de um curso de teatro presencialmente. Enxergo o teatro como um espaço de construir coletivamente novos imaginários e aprendizados.
Sou aluna da Escola Martins Penna, atuo como bailarina e atriz desde 2009 e sou Produtora Cultural.
Sou atriz bacharel em teatro. Fico afim de somar com
Gostaria de aprender mais e usá-lo para autoconhecimento
Sou formada em artes cênicas/habilidade em Indumentária, sou cenógrafa, figurinista, iluminadora e atriz, a minha base de formação se deu pelo teatro além da universidade.
Sou atriz autodidata em busca de formação profissional
qual quer um
teatro
Eu participo da etp
Iniciante
Seria o primeiro contato
Eu acho teatro incrível e sempre quis participar de aulas, fui em uma aula do teatro de agitprop de vocês mas meus horários não estão batendo mais... esse horário do teatro feminista da sexta a noite ficaria perfeito para mim, e é bem perto do meu trabalho
Eu sou Actriz
Fiz teatro por um período da vida.
Nenhum, gostaria de aprender!
Cresci no teatro, pois minha avó trabalhava em um, quando eu era criança. Fui proibida de atuar na infância, devido à minha mãe. Passei anos afastada, até que fiz iniciação ano passado e amei. Quero continuar e me aprimorar. Sou música e sinto que o teatro é essencial também para as performances musicais.
Nunca fiz mas sempre quis fazer

,

sou iniciante e estou interessada em conhecer melhor
Uma busca de tentar me libertar de algumas amarras,
Muita, faço palhaçaria e ja fiz teatro
Atriz de Teatro Experimental com DRT
Ainda não tenho
Paixão
Espectadora. Nunca participei de companhias
Paixão antiga
Eu amo arte, e o teatro é uma das maiores artes e uma das mais belas.
Sempre tive vontade de fazer aulas de teatro, mas nunca tive condições financeiras para pagar um curso.
Eu sou artista circense e palhaça, tive cursos de teatro através do circo, mas gosto muito da área e estou buscando me aprofundar.

Como soube do núcleo?
instagram
grupo de whatsapp
instagram
instagram
instagram
indicação
instagram
grupo de whatsapp
instagram
instagram
indicação
instagram

,

instagram
instagram
grupo de whatsapp
grupo de whatsapp
indicação
indicação
instagram
instagram
Renata falo pra mim convidar
instagram
instagram
instagram
instagram
instagram
instagram
instagram
instagram
instagram
instagram
instagram
instagram
instagram
Google
instagram
instagram

ANEXO 2 - SAARA VENDE SARA E MARA

Coro de mulheres *(cantando em coro):* Cansei/ cansei/ a a a/ a a a/a a a

,

(coro se desfaz e monta duas filas na diagonal com movimentações mecânicas do trabalho)

Camelô*(aparecendo atrás do coro e ficando entre as duas filas)***:** Olha, olha, olha a promoção nesse mês de julho! Uma máquina plus, master, ultra, mega, 7x7 funções. Não precisa de bateria! Não precisa de pilha! Olha, olha, olha a promoção nesse mês de julho!

Comprador: E o que essa máquina faz?

Camelô: Resolve tudo o que você precisar! Lava, passa, seca, limpa, faz a cama, faz teu café da manhã, almoço, janta e se você programar ainda faz teu lanche, você nem vai precisar se preocupar com o mercado…

Comprador: Quanto custa?

Camelô: Tem coisa que não tem preço! Chega mais perto, dá uma olhada com calma….. Tem vários modelos com diferentes especificações…. essa máquina aqui por exemplo cuida do teu filho e você nem precisa pagar pensão, já aquela ali nunca nega uma conchinha. Sabe, elas são ótimas se você também tiver precisando de suporte emocional, algo para gerenciar a sua família, as festas de fim de ano e aniversário, ela programa alarme pra hora do remédio e pra hora de acordar, pode tratar mal que ninguém vai ligar! Olha, olha, olha a promoção nesse mês de julho! Plus, Master, Ultra, Mega Machine, 7 funções!

Comprador: Chega, chega! Já me convenceu!

Camelô: Traz a máquina ai p/ cliente!

(Mãe entra fazendo um movimento remetendo a um abraço mecanicamente e seu rosto é revelado.)

Comprador *(assustado)***:** Mãe? Mãe?

Camelô *(preocupado)***:** O que??? Se esse modelo tiver muito velho pra você, temos esse outro aqui!

(entra a noiva tentando fazer o mesmo movimento)

Comprador: Que loucura é essa? (*assustado sai)*

(O camelô tenta fazer ele ficar e na confusão acaba esbarrando em uma das máquinas gerando uma pane elétrica.)

pane elétrica do coro

música

Cansei de tanto trabalhar

,

Na ilusão de melhorar
Cinco filhos, sozinhas e casa pra sustentar
Mil e quinhentos reais, não dá
Não dá, não dá, não, não dá
Trabalhei demais por causa deles
Os trajes deles são os de Adão e Eva
Se acostumaram a passar mal
Mas isto não é legal
A vida que a gente leva
Cansei de tanto trabalhar
Na ilusão de melhorar
Cinco filhos, sozinha e casa pra sustentar
mulher 1: o preço da carne, não dá
Não dá, não dá
mulher 9: minhas crianças morrendo, não dá
Não dá, não dá,
mulher 6: me cobrar ter filho, não dá
Não dá, não dá
mulher 6: A 6x1, não dá
Não dá, não dá

ANEXO 3 - OCUPAÇÃO SIM, REMOÇÃO NÃO.

bolinho: vamos ocupar! vamos ocupar! vamos ocupar! vamos ocupar! vamos ocupar! vamos ocupar!

Valentina *(para o público)* – Gente ,chegou a hora!!

bolinho contínuo *(para o público)*- vamos ocupar! vamos ocupar! vamos ocupar! vamos ocupar! vamos ocupar! vamos ocupar!

Valentina – vamos entrar no prédio! Tá vazio faz tempo, mas vamos precisar de muita mobilização. Hoje é só o primeiro dia e as coisas levam tempo (, pode ter polícia (**Mariana** se afasta do bolinho) e temos de nos manter unidos. Todo mundo junto.

(**Renata** se afasta e o bolinho)

Mariana – eu não vou! Esse negócio de Polícia….. muito violento, eu tenho medo

,

Renata – esse negócio de invasão é um absurdo! Alias, se acontecer alguma coisa comigo, minha filha fica como? Boa sorte, gente!

Maria– Que invasão?? Ter lugar para morar é direito!

Valentina Damiana e Mariana tomam a frente com os cartazes

Mariana lê o primeiro cartaz

Há 35 anos não tomo banho de chuveiro.

O mínimo que uma casa deveria ter é um banheiro.

Andrea Souza e Silva. 50 anos.

Damiana lê o segundo cartaz

me vi na situação de escolher entre pagar o aluguel ou dar comida para meus filhos.

Carla dos Santos. 48 anos.

Valentina lê o terceiro cartaz

No Brasil há mais imóvel vazio do que gente em busca de moradia.

Maria entra cortando– Agora está todo mundo junto, né? Bora pro ônibus!

Todas se organizam em fila

EU VOU ! EU VOU ! TER CASA AGORA EU VOU OCUPAÇÃO ! OCUPAÇÃO! OCUPAÇÃO! (2x)

Ônibus freia

Renata* e *Maria *formam o cadeado.*

O grupo vai pra quebrar o cadeado

Todas juntas – 1, 2, 3 e JÁ !!

(A porta se rompe e entram e comemoram.)

Renata- Gente, agora é organizar tudo aqui.

Se organizam intercaladas

Amanda puxa a música

Fazem os movimentos juntas

Cloro, Vassoura,

bota água, mistura.

Olha o sabão!!

Mãos à obra meu irmão! (2x)

Amanda e Jessica – (falando com os homens do publico)

,

Os homens vão ficar só olhando enquanto a gente limpa tudo? Vem aqui ajudar a gente!!!!

Damiana e Maria tomam a frente com os cartazes

Amanda e Jessica fazem a leitura

As mulheres pretas possuem a maior taxa de realização de afazeres domésticos.

Amanda e Jessica fazem a leitura

Que a nossa luta seja sempre universal e organizada considerando gênero, raça e classe.

Fila vai se formando durante a leitura dos cartazes

Todas:

NÃO AO PL 709 !

PELO DIREITO À TERRA E A MORADIA DIGNA PARA TODAS E TODOS

ANEXO 4 - A MÁQUINA

Várias mulheres juntas fazendo movimentos ao mesmo tempo - cada uma com o seu movimento.

Pessoa 1 - Parindo bexiga de gás (essa bexiga passa pelas outras mulheres)

Pessoa 2 - Amamentando a bexiga

Pessoa 3 - Desenhando olhos e boca

Pessoa 4 - Educando

Pessoa 5 - Dando comida

Pessoa 6 - Faz a barba e bigodes

Pessoa 7 - Coloca na caixa

A bexiga formada é colocada em uma caixa

E o processo continua até a caixa transbordar de bexiga

A máquina começa a dar defeito

Defeitos:

A mulher começa a estudar e atrasa o processo

Uma mulher fica cansada

Uma mulher precisa ir ao banheiro

Uma mulher engravida no meio do processo

Uma mulher envelhece e precisa do cuidado de outra mulher

,

No fim da cena, caixa cheia, é revelado que a caixa representa um metrô
Quando a caixa estiver cheia, elas se viram para a lateral montando um ônibus, a primeira na fila do onibus, pega a caixa que foi preenchida no trabalho e levanta com dificuldade, passando para trás até chegar a atriz do meio que segura a caixa na cabeça se desequilibrando um pouco, até que ela é sustentada pelas outras mulheres, Fazendo referência a imagem de hércules com o mundo na cabeça, mas neste momento seria uma mulher com o próprio trabalho sustentado em sua cabeça.
Momento 1: Esteira
Momento 2: a caixa vai para a cabeça

ANEXO 5 - Dividir o Unido

Personagens: presidenta, Copeira, secretaria, trabalhadora

A cena se inicia com todes entrando em cena de pontos diferentes. Cada um tem a sua movimentação indicando que chegou em um ambiente de trabalho (bater ponto, tirar o paletó, cumprimentar alguém e etc…)

A cena congela, uma atriz (presidenta) ganha destaque

Presidenta: Hoje é um marco! Pela primeira vez uma mulher na presidencia da empresa!

Palmas e gritos de alegria, todes, principalmente as mulheres, comemoram junto!

inicia-se uma pequena festa e todes voltam para o ponto de onde saíram.

As movimentações se repetem como no início, agora em câmera lenta. Uma outra atriz (trabalhadora) ganha destaque preocupada pelo telefone.

Trabalhadora: Eu já estou voltando, mãe… Só preciso resolver aqui no trabalho essa questão, muito obrigada mesmo, viu?

Secretaria: o departamento de assitencia fica no segundo andar. Aqui é a sala da presidência….

Trabalhadora: eu sei! Acabei de ver ela chegando, queria resolver com ela direto.

Secretaria: mas não é assim que funciona…

(Trabalhadora vê uma oportunidade e corre até a presidenta)

Trabalhadora: com licença

Presidenta: o que está acontecendo?

,

Secretaria: desculpe, ela passou correndo, eu não vi….

Copeira: quase que derruba as coisas aqui, que susto!

De um lado trabalhadora e presidenta, do outro copeira e secretaria

A cenas acontecem em paralelo

Copeira: Por que o filho dela está no hospital?

Secretária: Dizem que foi briga de rua

Copeira: querem se meter com o que não deve…

Secretária: Aí fica o peso pra família

Presidenta(simpática)**:** Calma! calma! o que aconteceu?

Trabalhadora: Meu filho está internado, preciso de alguns dias para resolver o problema dele, mas nao queria que isso afetasse o meu desempenho aqui na empresa.

Presidenta: Você tem sido destaque positivo nas reuniões, mas de fato com faltas o sistema lê como queda no rendimento

Secretária: Senhora, você tem uma reunião com o representante da China em 12 minutos.

Copeira: a senhora quer chá de que hoje?

Trabalhadora: O sistema não leria como falta se eu fosse liberada, meu filho precisa de mim.

Secretária: Você sabe com quem seu filho anda para ele está todo estrebuchando assim?

Trabalhadora: A presidenta sabe que precisamos cuidar da nossa família também, não só da empresa. Lembra quando sua mãe teve crise de bronquite e você perdeu três dias de trabalho tomando conta dela? (virando para falar com a copeira) E quando o pai do seu filho não foi buscar a criança e você precisou faltar o dia porque não tinha com quem a criança ficar e nem podia trazer ela pra cá?

secretária *(para a presidenta)*: é… só depois de muita reclamação sua agora temos um espaço kids aqui

copeira: que nem funciona direito…

secretária(para presidenta)**:** A senhora falou que por ser mulher as coisas iriam funcionar melhor! Que iria nos defender!

Presidente: Defender a empresa é defender todas as mulheres da empresa!

(*secretaria e copeira se olham indignadas)*

,

Presidenta: Gente eu sou mulher, mas as regras do jogo não mudaram! E eu preciso joga-lo para continuar onde estou! Estou errada por isso? *(olha o relógio)* Errada estou em me atrasar para essa reunião importante.

Secretária (para trabalhadora)**:** Você fica ai querendo mudar a lógica da empresa e agora quem está desagradando sou eu que atrasei a reunião….

copeira: Vou passar o café

Trabalhadora:

Quando não se rompe com o topo
Sempre haverá alguém amassando a base
A base sou eu
E eu sou também você

ANEXO 6- Unir o dividido

A cena inicia com dois tapetes em cena.

Damiana entra pela esquerda, varre a sujeira para debaixo do tapete que está na direita e sai de cena.

Maria entra pela direita, varre a sujeira para debaixo do tapete que está na esquerda e sai de cena.

As duas entram, cada uma pelo seu lado, se olham, e viram a cara uma pra outra.

ao passar pelo tapete reparam que algo está estranho, levantam o tapete, se olham, abrem a boca espantadas e olham pro público

Damiana: Engraçado….

Maria: Engraçado mesmo……

Damiana: Engraçado o que?

(pausa)

Maria: Sempre sou eu que lavo a cozinha….

Damiana: E sempre sou eu que fico na portaria o dia todo….

Maria: Ficar na portaria cansa mais que lavar a cozinha?

Damiana: O que cansa é você reclamar no meu ouvido ao invés de contribuir! A portaria é responsabilidade de todos!

Maria: Eu já falei que nao consigo ficar na portaria o tempo inteiro

,

Damiana: Se todo mundo ficasse um pouquinho, você não ficaria muito tempo.

Maria: Você fala como se eu não fizesse nada importante, só porque você fica na portaria não significa que só você faz coisa importante!

Renata *(alegre):* Genteeeeeee

(silêncio)

Renata *(*percebendo o clima*):* Eita…. *(tentando animar)* Fiz um bolo de banana! Tava querendo falar com vocês!

Damiana: Ah, Renata… não tô no clima não…..

Renata: É rápido…

Damiana: Não é com você não tá… desculpa.. É com essa daí

Maria: Fale por você damiana, eu estou cansada de você

Renata: Já pararam pra pensar que vocês ficam nessa briga todos os dias, mas que não são só vocês?

Maria: Que?

Renata: A Geiza não fala com a Flávia por conta da água, A Manuela e a Jessica nem se olham por conta do horário da reunião, a Janete não suporta a Lili porque diz que a Lili quer mandar na alimentação… A gente não tá se falando porque estamos todas preocupadas em arrumar esse lugar aqui. E os homens? Acabei de passar na sala e tá todo mundo conversando sobre futebol. O caio demorou uma semana pra comprar o material pra arrumar a eletrica e ninguem reclamou, ele só foi lá comprar porque eu e a juliana ficamos no pé dele se nao iamos ficar mais de um mês esperando o bonito!

Maria: É, eles ficam conversando, enquanto a gente cuida da casa e da ocupação.

Renata: eu vim aqui pra chamar voces pra aulas de teatro *(abre o cartaz do nucleo feminista)*

Maria: *TE- A-TRO? (risada)* Só você renata!

Damiana: Eu fiz uma vez na igreja e gostei..

Renata: todas as mulheres são bem vindas! Da uma chance! Lá a gente vai conseguir falar sobre todos esses problemas enquanto grupo

Maria: A gente vai ter que fingir que gosta uma da outra?

Renata: não precisa fingir, tem que lutar junto. Vocês vão perceber o quanto tem em comum…

Damiana: Que???? (risada)

,

Renata: Quando você teve que garantir a matrícula da sua filha na escola, quem ficou na portaria pra você?

Maria: A Damina…

Renata: Quando você ficou sem gás pra fazer a janta, quem te emprestou?

Damiana: A Maria…

Renata: Vocês vão perceber que essa briga é estresse e vamos nos organizar pra mudar isso…

Damiana: Teatro é pra isso?

Renata: E pra muito mais! O teatro pode ser o ensaio da nossa revolução!

Damiana: Tá bom então, quero ver!

Maria: Agora também quero ver!

Damiana: Vou passar um café pra comer com o bolo!

Maria: Vou chamar as meninas!

,

Referências Bibliográficas

ARRUZZA, Cinzia; BATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. Feminismo para os 99%: um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.

BHATTACHARYA, Tithi. What is Social Reproduction Theory? Socialist Worker, 10 set. 2013. Disponível em: http://socialistworker.org Acesso em: 4 set. 2025.

BATTACHARYA, Tithi. Teoria da reprodução social: remapear a classe, centralizar a opressão. Tradução de Juliana Penna. São Paulo: Elefante, 2023.

BOAL, Augusto. 200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BOAL, Augusto. A estética do oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. O legado de Paulo Freire. CooJornal, s.d.

BOAL, Augusto. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BOAL, Julian. Sobre antigas formas em novos tempos: o Teatro do Oprimido hoje entre “ensaio da revolução” e técnica interativa de domesticação das vítimas. São Paulo: Hucitec Editora, 2022.

Brasil volta ao Mapa da Fome das Nações Unidas. G1, Rio de Janeiro, RJ. 06/07/2022 Disponível em: g1.globo.com. Acesso em: 05/09/2025

BRECHT, Bertolt. A mãe. Tradução de João das Neves. In: __. Teatro completo 4. Tradução de vários. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2018.

G1. Brasil volta ao Mapa da Fome das Nações Unidas. G1, São Paulo, 5 set. 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/. Acesso em: 5 set. 2025.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUERRILLA GIRLS. As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo? São Paulo: MASP – Museu de Arte de São Paulo, acervo MASP.10727. Fotografia: Guerrilla Girls.Disponível em:masp.org.br. Acesso em:04/09/2025

COSTA, Iná Camargo. O repertório formal do agitprop. *Rebento: Revista de Artes do Espetáculo*, São Paulo, n. 9, mar. 2012.

,

KARL MARX. O capital: crítica da economia política: livro III: o processo global da produção capitalista. Tomo 1 (parte primeira). [Coleção Os Economistas – Volume IV]. São Paulo: Nova Cultural, 1986a.

REGUEIRA, Chico. 'Esquecidos': com déficit de 500 mil casas, RJ tem moradores há décadas sem banho de chuveiro ou paredes em casa. G1. Rio de Janeiro, 28/03/2023. Disponível em: g1.globo.com/rj. Acesso em: 06/09/2025

RUY, José Carlos; MOURA, Clóvis. Revista Princípios, n. 30, p. 32-37, ago./out. 1993. Disponível em:https://www.marxists.org Acesso em: 6 set. 2025.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. Cadernos Pagu, n. 16, 2001. DOI: 10.1590/S0104-83332001000100007.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero, patriarcado e violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente).

SEE RED WOMEN'S WORKSHOP. *A Woman's Work Is Never Done*. [Recurso online]. Disponível em: *https://heart.museuminabox.org* Acesso em: 3 set. 2025.

SEE RED WOMEN'S WORKSHOP. *Capitalism also depends on domestic labour*. Poster (c. 1975). *People's Graphic Design Archive*. Adicionado em 20 mar. 2023. [Recurso online]. Disponível em: *https://peoplesgdarchive.org/*Acesso em: 3 set. 2025.

TEIXEIRA, Fábio N. Diga que você está de acordo!: o material Fatzer de Brecht como modelo de ação. 2013. 324 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro/Escola de Dança, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

THECOLLECTOR. Colorized Soviet propaganda train emblazoned with the slogan "Protect Soviet Power". TheCollector, 2023. Disponível em: https://www.thecollector.com/soviet-propaganda-train/. Acesso em: 5 set. 2025.

VOGEL, Lise. Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

WHITE, Evelyn C.; XAVIER, Maisa (Org.). O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas; Criola; Global Exchange, 2006.

MELLO-D'ÁVILA, Richard Franklin. O atual entendimento legal sobre o gênero não binário. Arpen-SP, 2020. Disponível em: https://www.arpensp.org.br Acesso em: 5 set. 2025.

,